UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

NATÁLIA PORTELLA PÓVOAS DOS SANTOS

NIETZSCHE E O APEQUENAMENTO DO HOMEM NA MODERNIDADE

Salvador
2008

NATÁLIA PORTELLA PÓVOAS DOS SANTOS

NIETZSCHE E O APEQUENAMENTO DO HOMEM NA MODERNIDADE

Monografia apresentada ao Curso de graduação de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito final para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Kleverton Bacelar

Salvador
2008

"Supondo que a verdade seja uma mulher – não seria bem fundada a suspeita de que todos os filósofos, na medida em que foram dogmáticos, entenderam pouco de mulheres? De que a terrível seriedade, a desajeitada insistência com que até agora se aproximaram da verdade, foram meios inábeis e impróprios para conquistar uma dama? É certo que ela não se deixou conquistar – e hoje toda espécie de dogmatismo está de braços cruzados, triste e sem ânimo."

Prólogo de Para além do bem e do mal – Friedrich Nietzsche

TERMO DE APROVAÇÃO

NIETZSCHE E O APEQUENAMENTO DO HOMEM NA MODERNIDADE

Monografia apresentada ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para conclusão do Curso de Pedagogia, pela seguinte banca examinadora:

Kleverton Bacelar - Orientador _____

Márcia de Matos Pontes _____

Ivan Maia de Mello _____

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar é preciso agradecer a Deus por todas as coisas que me proporcionou nesta caminhada! A Ele expresso meu amor por seu cuidado em me dar uma família atenciosa e presente em minha vida, principalmente nos últimos meses desse longo percurso. Em seguida é preciso agradecer ao próprio Nietzsche, pois se não fosse pelas idéias dele eu jamais teria inspiração para iniciar esse trabalho acadêmico.

Dedico esta monografia à minha querida e amada mãe, companheira nos momentos felizes e nos mais difíceis que enfrentei para que esta monografia fosse elaborada! Também à minha avó que de forma muito especial fez parte da minha carreira escolar e acadêmica, me incentivando e me apoiando. À minha família em geral, tios e primos, e à minha família do coração, meus pais na fé, Jailson e Neila; e meus pais adotivos Wede e Manuela.

Dedico também ao meu orientador Prof. Dr. Kleverton Bacelar, com quem aprendi a amar a filosofia tanto nas disciplinas cursadas quando nas sessões do Grupo de Estudos. Sem ele eu não teria a capacidade de compreender e interpretar os textos e a contribuição nietzschianos. Quero agradecer aos meus amigos do Grupo de Estudos, que acompanharam com muito carinho todo o processo de escrita deste trabalho.

De forma peculiar gostaria de relembrar todos os amigos que fizeram parte desta caminhada, seja os que com ela se iniciaram, seja os que trouxe comigo do decorrer desta jovem vida. São todos preciosos para o meu ser, pessoas que se dedicaram a mim, devotando seu apoio, atenção e essencialmente suas orações! Agradeço ao Movimento Estudantil Alfa e Ômega, ao qual eu faço parte, por ter sido o meu sustento espiritual na Universidade.

É com muita satisfação que apresento esta monografia a todos os que cruzaram minha trajetória na Universidade Federal da Bahia, seja professores que me ensinaram o valor de nossa profissão como Lúcia Mª da Franca Rocha, Mª Helena Bonilla, José Albertino, Lícia Beltrão e Riomar Lopes; alunos que contribuíram com discussões para a formação das idéias; funcionários da Faculdade de Educação ou colegas de profissão, a saber, Iône Lôbo.

Em especial agradeço à equipe do SMA-ProJovem, à minha eterna coordenadora Olívia Maria da Costa Silveira, pela sua amizade e compreensão; aos supervisores e às assistentes administrativas Mariângela e Angélica por tudo que me ensinaram. Agradeço também à equipe do Projeto EAD do CPD-UFBA nas pessoas de Eduardo Lima e Nícia Riccio pela oportunidade de crescimento que a mim disponibilizaram.

RESUMO

Este trabalho monográfico tem por objetivo versar sobre a compreensão do Nietzsche sobre apequenamento do homem na modernidade. Para tanto, examinaremos trajetória filosófica nietzschiana desde o homem pré-moderno até a formação do homem moderno e sua crítica no que tange a formação de um homem apequenado, medíocre, animal de rebanho. Nietzsche em seu percurso filosófico pleiteou uma nova formação humana, a saber, a do homem nobre, criando o além do homem autêntico inovador da moral, autor da transvaloração de todos os valores. A crítica nietzschiana à moral engloba com um tom ácido a luta do filósofo contra a moral cristã de renúncia do corpo e da vontade de poder. Caracterizada por seu projeto genealógico, em análise da origem da consciência humana e da valoração moral Nietzsche examina a antropogênese propriamente dita. Desta forma, será remontado nesta monografia o caminho traçado pelo homem até a sua formação subjetiva e será apresentada a proposta de educação nietzschiana para que um novo tipo de homem, o ideal aristocrático da cultura superior, seja formado.

Palavra chaves: moral, apequenamento, modernidade.

ABSTRACT

This monographic work aims at presenting the conceptual middling of man in Nietzsche, from which the philosopher meant by modernity. This will Nietzsche's philosophical trajectory travelled from the pre-modern man until the formation of modern man and his criticism with regard to formation of a small man, poor, to herd livestock. Nietzsche in his philosophical journey asked a new training human, namely the noble man, creating the addition of innovative real man of morals, author of revaluation of all values. The Nietzsche's criticism encompasses the moral tone with an acid of the fight against moral philosopher Christian renunciation of the body and the will to power. Characterized by its design pedigree, in examining the origin of human consciousness and moral valuation Nietzsche examines the anthropogenesis itself. Thus, this monograph will be the path mapped out by man until his training subjective and will be presented the Nietzsche's proposal for education for a new type of man, the aristocratic ideal of higher culture, is formed.

Word keys: morality, man middling, modernity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 08

2. O MODERNO E O PRÉ-MODERNO EM NIETZSCHE 16

2.1 - *A mnemônica, técnica de produção da memória* **..... 18**

2.2 - *Dominação dos instintos: a prática dos castigos* **..... 20**

2.3 - *A criação da má consciência e a internalização das vontades* **..... 24**

2.4 - *A formação do homem moderno* **..... 32**

3. A DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA 35

3.1 - *O que é democracia* **..... 36**

3.2 - *Democratização da cultura: apequenamento do homem moderno* **..... 40**

3.3 - *Crítica nietzschiana à formação de um homem medíocre* **..... 45**

3.4 - *Nova concepção de justiça na modernidade* **..... 47**

3.5 - *O ideal nietzschiano de homem: o aristocrático* **..... 51**

4. A EDUCAÇÃO DISPOSITIVO MANTENEDOR DO APEQUENAMENTO DO HOMEM 53

4.1 - *Escritos de Nietzsche sobre educação e cultura* **..... 54**

4.2 - *Concepção nietzschiana de educação* **..... 60**

4.3 - *Reformulação do projeto educativo segundo Nietzsche* **..... 67**

CONSIDERAÇÕES FINAIS 72

OBRAS DE NIETZSCHE 79

OUTRAS REFERÊNCIAS 80

Introdução

O objetivo deste trabalho é compreender o conceito de apequenamento do homem na obra de Nietzsche. Primogênito do casal Karl Ludwig Nietzsche e Franciska, Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em Röcken, em 15 de outubro de 1844. De formação protestante, filho e neto de pastores luteranos, chegou a pensar em seguir a mesma carreira a gosto da mãe. Com a morte de seu pai em 1849, em 1850 a família se mudou para Naumburg. Em 1851 começou a freqüentar escola preparatória para o ginásio e em 1854 entra para o ginásio de Naumburg. Admitido no Internato de Pforta, seus estudos entre a escola clássica e a universidade duraram de 1858 até 1868 (EH).

Em 1864 Nietzsche matriculou-se na Universidade de Bonn, a fim de dedicar sua carreira acadêmica aos estudos de filologia e teologia. Entretanto, depois do primeiro semestre em Bonn ele interrompe o estudo da teologia e dedica-se inteiramente à filologia clássica. Em 1865 decide se transferir para a Universidade de Leipzig onde permaneceu de 1866 a 1868. Abandonando definitivamente a teologia desvia-se das tendências religiosas do cristianismo para continuar estudando filologia clássica. Foi através do ensino do professor Albrecht Ritschl, que compreendeu a filologia não apenas como forma de análise literária e histórica[1]. Devido a esse acontecimento sofre sérios desentendimentos com sua mãe.

Em 1865 aproximou-se do mundo filosófico através de *O Mundo como Vontade e Representação* (1818) de Schopenhauer. Em 1868 conhece Richard Wagner. Aos vinte e cinco anos (1869) lhe chega a honrosa convocação para a cátedra de Filologia Clássica. Por recomendação de Ritschl é nomeado professor da Universidade da Basiléia, na Suíça, onde também passa a ensinar grego nas classes superiores do Pädagogium[2]. Em 1879 Nietzsche precisou deixar seu posto de professor por motivos de saúde. "Havia os regulares acessos de terríveis dores de cabeça, vômitos, vertigem, uma pressão nos olhos, fraqueza da vista, quase cegueira" [3].

No ano de 1888, Nietzsche passa seu último outono em Turim e redige suas últimas obras, algumas publicadas postumamente. Em 1889 ele presencia a cena de um cavalo

[1]As citações do Nietzsche serão feitas no corpo deste trabalho, de acordo com a Convenção para a citação das obras de Nietzsche, que se encontra nos Cadernos Nietzsche.
A arte de ler *bem* permitiu que o filósofo percebesse a filologia como estudo das instituições e do pensamento humano, (HHI, prólogo, §§ 5 e 270).

[2] Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 11.

[3] Cf. SAFRANSKI, Rüdiger. ***Nietzsche: Biografia de uma Tragédia.*** Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001, p. 163.

apanhando de seu cocheiro e lança-se no pescoço do animal para protegê-lo dos golpes. Dias depois o filósofo sucumbe à loucura. Doente, ele é internado na clínica psiquiátrica de Iena, na Basiléia, e um ano depois, em 1890 é conduzido à Naumburg para ficar aos cuidados da mãe. Com a morte de Franciska em 1897, Nietzsche é levado a Weimar pela irmã Elisabeth, falacendo em 25 de agosto de 1900. Nietzsche foi sepultado em Röcken, sua cidade natal.

Costuma-se dividir a obra nietzschiana em três períodos: o jovem Nietzsche que corresponde ao período de início de sua atuação pedagógica e indo até o momento em que pede demissão da Universidade da Basiléia, aproximadamente (de 1868 até 1878); o Nietzsche intermediário que vai desde *Humano, demasiado humano* até *Gaia Ciência* (de 1878 a 1881) e o último Nietzsche que se inicia com a escrita de Zaratustra e segue até o fim de sua carreira filosófica (de 1883 até os últimos escritos publicados por Nietzsche em 1888).

O primeiro período do pensamento nietzschiano se inicia com os escritos filológicos de 1866, publicados em 1868. Em janeiro de 1872 ocorre a publicação de *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música.* No mesmo ano profere cinco conferências *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*. Em 1873 redige *A Filosofia na Época Trágica dos* Gregos e começa a também a escrever as quatro *Considerações Extemporâneas* publicadas em 1873, 1874 e 1875[4].

As obras desse período jovem nietzschiano são marcadas pela afinidade de seu pensamento com a filosofia dos pré-socráticos e por sua crítica à cultura por meio dos estabelecimentos de ensino e da educação. Nietzsche é contra a divisão do mundo em sensível e ideal, ele defende a questão do fenômeno dionisíaco como sentido da vida, extinto com a moral socrática.

Em *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche reafirma sua opinião sobre Sócrates ser um decadente. Ele se intitula como primeiro filósofo a descobrir a antítese gerada com o pensamento racional socrático-metafísico: o instinto degenerante que se lança contra a vida com um recôndito desejo de vingança *versus* uma fórmula de afirmação suprema (EH, NT, §§ 2 e 3).

As *Considerações Extemporâneas*, consideradas essencialmente polêmicas, apresentam os manifestos de Nietzsche contra a cultura e contra a educação. Para ele, porque o movimento científico moderno barbarizou-se, a cultura está perdida. Sua pretensão era

[4] Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 11.

engendrar um novo conceito a partir do problema da educação, como um caminho para a promoção da grandeza do espírito (EH, CoExt, §§ 1 e 3)[5].

A atividade filosófica do jovem Nietzsche centra-se na crítica à divisão mundo das idéias e mundo sensível. Para ele, o legado socrático-platônico decretou a decadência grega, deixando práticas catastróficas como o ascetismo[6], ideal que será duramente combatido pelo filósofo *a posteriori*. Seu posicionamento com relação ao mundo racionalista e ordenado gera oposições com relação à religião e à política do mundo moderno.

No segundo momento de seu pensamento, Nietzsche rompe com Schopenhauer, rompe com Wagner e traz à filosofia uma nova concepção de escrita inaugurada com o gênero aforismático. Ele começa a publicar suas investigações e conclusões a respeito da moral humana. Seu primeiro trabalho neste sentido, *Humano, demasiado humano* deu início a uma etapa importante na vida do filósofo.

Tal escrita, por aforismo, é mencionada pelo filósofo como algo que traz dificuldade por não ser "decifrada" ao ser apenas lida, mas ser preciso uma *interpretação* para a qual se requer uma arte da interpretação. Para tanto, é necessário algo que precisamente a modernidade não mantém nem sustenta - que exigirá tempo - para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e *não* um "homem moderno": o *ruminar* (GM, prólogo, § 8).

A partir desse período, Nietzsche opõe-se a tradição textual consagrada até então, revolucionando a elaboração intelectual cultivada pelos metafísicos e utilizando em seu discurso frases secas e idéias objetivas. Nesta etapa o filósofo pensou o *eterno retorno*, alternância de pólos opostos e multiplicidade de faces que se complementam em uma única realidade cíclica e repetitiva.

O tom com que escreve *Humano, demasiado humano* inaugura em Nietzsche a frieza e a ironia para defender seu bom gosto pela espiritualidade aristocrática. Com esta obra, juntamente com *O Andarilho e sua sombra*, *Miscelâneas de Sentenças e Opiniões* de 1880; *Aurora* de 1881 e *Gaia Ciência* que se encontra na intermediação entre duas fases; é composto o período do pensamento filosófico nietzschiano chamado intermediário.

Os livros dessa fase de escrita de Nietzsche constituem uma seqüência lógica de encadeamento de idéias, pois consistem no exercício de formação do "espírito livre" com críticas à imposição de normas sobre o comportamento humano; o exame dos costumes, direito, moral e da tradição da vida em coletividade, investigando a educação familiar,

[5] Para Nietzsche o ambiente em que a pessoa é educada tem a tendência de torná-la cativa, o individuo é tratado por seus educadores como sendo algo novo, mas que deve se tornar uma *repetição* (HHI, § 228).
[6] Moral que desvaloriza os aspectos corpóreos e sensíveis do homem.

escolar, cívica, política e religiosa e analisando os sentimentos morais de compaixão, vingança, culpa e remorso[7].

Com a crítica que teceu sobre à moral judaico-cristã e à política moderna em *Humano, demasiado humano - um livro para espíritos livres*, obra redigida no inverno de 1876/77 em Sorrento (GM, prólogo, § 2), Nietzsche se define como o primeiro "imoral" em virtude de se opor ao comportamento do rebanho. Nesta obra, que denomina de monumento comemorativo de uma crise (EH, HHI, § 1), a expressão "espírito livre" significa mais do que um espírito libertado, representa um espírito que retomou o domínio sobre si mesmo.

Em *Humano, demasiado humano*, Nietzsche analisa a *origem* dos preconceitos morais e mostra que os valores dos quais o homem não consegue sobrepor-se (por considerá-los transcendentes, verdadeiros e eternos) são próprios da ação humana. Ele luta contra uma moral da renúncia, concentrando-se na reflexão acerca do exercício de criação desses valores. Sua investigação a respeito da crueldade como fundadora das relações humanas, da cultura e da civilização segue em *Aurora* (1881).

Aurora, obra publicada em 1881, dá início a uma campanha contra a moral. Trata-se de um horizonte para a transvaloração de todos os valores, a preparação da humanidade para que escape do domínio do sacerdote em uma nova tomada de consciência de si (EH, A, §§ 1 e 2). Nietzsche combate a moral e propõe sua auto-supressão, para que o homem aprenda a depender de si mesmo e não da tradição, que em sua opinião, corrói e destrói a individualidade humana.

Aurora, reflexões sobre preconceitos morais traz a esperança de uma cultura liberta do preconceito[8] da moral cristã e dos juízos a ela associados, apontados por Nietzsche como prejudiciais ao homem. Prosa de parágrafos curtos, o filósofo redigiu versos e aforismos variando entre duas linhas e algumas páginas. Compreendendo a vida como dinâmica e livre, vontade de poder que convive com opostos e persiste ciclicamente, o filósofo apresenta nesta obra sua crítica aos preceitos religiosos, intelectuais e morais do ocidente.

As auroras que ainda não resplandeceram consistem na tarefa que Nietzsche denomina de elucidação de um novo horizonte para a formação de um homem consciente de si mesmo. A questão da origem dos valores morais é, portanto, central para o filósofo, pois será por meio

[7] Cf. MARTON, Scarlet. "**Perfil Biográfico**" in: *O Anticristo***.** São Paulo: Martin Claret, 2006. Tradução: Pietro Nasseti.

[8] O termo utilizado por Nietzsche para falar sobre *juízo, preconceito, prejuízo, Vorurteil* (prefixo *vor* que quer dizer "pré" e *urteil,* que significa "juízo") não quer dizer "dano", mas sim "conceito ou opinião formados antecipadamente, sem a maior ponderação ou conhecimento dos fatos" (BM, Nota).

dela que ele acredita que se construirá um novo futuro, com novos parâmetros morais, numa luta contra a moral da renúncia de si (EH, A, § 2).

Gaia Ciência situa-se na transição do segundo para o terceiro momento do pensamento do filósofo. Na obra, Nietzsche dá continuidade a seu embate contra a moral e contra o sentimento de culpa, na tentativa de libertar o espírito. No período intermediário entre a segunda e a terceira fase de seu pensamento, o filósofo ensaia durante o inverno de 1882-1883 seu Zaratustra, o qual contempla de 1883 a 1885.

Publicando *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém* - que concentra sua inspiração no além do homem (EH, ZA, § 1) - surge a terceira e última fase do filósofo, seguida de *Para Além do bem e do mal* (1886/1887); *Genealogia da Moral* (1887); *Crepúsculo dos Ídolos e O Anticristo* ambos de 1888 e *Ecce Homo* e *Vontade de Poder*, esses últimos apenas publicados após a sua morte.

Para Além do bem e do mal - prelúdio a uma filosofia do futuro, livro elaborado em 1886, critica a modernidade como solo do reforço metafísico, onde a crença daquilo que se denomina verdade se consagra no mundo moderno. Nesta obra, Nietzsche traz indicações acerca de um tipo oposto às ciências, artes e à política moderna com a tresvaloração de todos os valores existentes: o homem nobre.

Depois de ter dirigido sua vertente filosófica à uma investigação crítica de origem da moral, a concepção de Nietzsche sobre religião, política, cultura e educação remete a total aversão do filósofo aos ideais modernos que concretizaram a formação de um tipo de homem domesticado e obediente. A crítica à modernidade e aos valores existentes insinua uma escola de formação para esse novo tipo nobre de homem (EH, BM, § 2).

Em *Genealogia da Moral - escritos polêmicos*, publicada em 1887, Nietzsche propõe uma efetiva *história da moral* (GM, prólogo, § 7) onde revela a origem do ressentimento na moral cristã; a origem da má consciência ou consciência de culpa elaborada pela crueldade psíquica; e a origem do poder do ideal ascético no sacerdote em três dissertações respectivamente (EH, GM). Esse livro critica todos os valores que o cristianismo-socrático-metafísico formou na psique do homem[9].

O projeto nietzschiano consiste na formulação da transmutação de todos os valores, por isso a importância do procedimento genealógico. Em *Crepúsculo dos Ídolos - como se filosofa com o martelo*;[10] "leia-se: adeus à velha verdade", o filósofo escreve que as "idéias

[9] Cf. SOUSA, Mário Araújo. "**Introdução**" in: *Ecce Homo*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

[10] Paulo César de Sousa esclarece o sentido da expressão, como se encontra no prólogo da obra nietzschiana: "ídolos *eternos*, nos quais se toca com o martelo como com um diapasão - não existem ídolos mais velhos, mais convencidos, mais ocos..." (EH, Nota, p. 128)

modernas" precisam cair e também os seus frutos: essas verdades. Nesta obra, Nietzsche fortalece sua luta contra a metafísica e a moral em busca de uma nova cultura e formação humana (EH, CI, §§ 1 e 2).

A última fase do pensamento de Nietzsche é considerada de tom mais ácido, período onde o filósofo registrou a falência dos ideais modernos e do cristianismo. Esse momento foi o escolhido para permear as discussões deste trabalho, pois é nele que se situam as idéias de Nietzsche de superação da moral e do apequenamento do homem. Aparecem a vontade de poder (força positiva criadora que constitui a vida[11]) e a doutrina do além do homem, eterno retorno e transvaloração dos valores morais da tradição moderna.

O auge das idéias a respeito da investigação moral de Nietzsche encontra-se na obra *Genealogia da Moral*, onde apresenta a crítica aos princípios e valores da moral que regem o mundo moderno. Opondo-se a qualquer manifestação cultural da modernidade, tais como a política, a religião, a ciência e a própria moral, considerados como produtos dos preceitos socráticos-platônicos e cristãos, a proposta do projeto filosófico nietzschiano é provocar uma "transvaloração de todos os valores".

É preciso esclarecer que existe uma defasagem entre o conceito nietzschiano da modernidade e a época histórica iniciada após a Renascença no século XVI e consagrada partir do século XVIII com a Revolução Francesa em 1789, freqüentemente associada com as mudanças da organização social que ocorreram na época. Para Nietzsche a modernidade inaugura-se com Sócrates e com o cristianismo a partir do momento e que se começa a pensar a noção de indivíduo.

A partir do desenvolvimento da consciência moral no gênero humano (não do ponto de vista da *ontogênese*), o surgimento da má consciência e a interiorização da crueldade irá promover o nascimento do psiquismo, da alma, da subjetividade humana. Quando a individualidade contrapõe-se a coletividade Nietzsche considera o momento moderno iniciado com Sócrates que inaugura o racionalismo e a moral cristã com o ideal ascético. O ocidente moderno passa a valorizar deste modo a produção da razão no homem através da educação.

A concepção nietzschiana de apequenamento do homem é estabelecida com a internalização dos valores cristãos no indivíduo soberano e a expansão desses valores em outras esferas da cultura e da sociedade, como a política e o Direito. Por esse motivo será preciso compreender o pensamento do filósofo e sua proposta de *antropogênese*, a formação

[11] Que é justamente vontade de vida. (GC, § 349)

do homem desde a pré-história da humanidade até a modernidade, entendendo o surgimento da consciência moral por meio da prática de repressão dos instintos.

A idéia de formação humana corresponde à educação no sentido amplo de que a mesma se configura como processo temporal em que uma ou várias capacidades, aptidões, se desenvolvem gradualmente e se aperfeiçoam. Na definição nominal ou etimológica do termo, educação corresponde ao latim *educatio*. Oriundo do verbo *educare*, que significa nutrir, alimentar, criar (plantas, animais e crianças); *educar*, terá o sentido de cuidados físicos e materiais e só posteriormente o sentido de instrução[12].

No sentido mais restrito, o ato educativo corresponde à seqüência de operações pelas quais os adultos inserem as crianças no mundo por vias da socialização. Esse exercício de desenvolvimento de tendências, hábitos, normas, valores, boas maneiras e costumes, diz respeito a uma relação humana hierárquica tanto pela diferença etária quanto pela diferença de conhecimentos. A atividade educativa tem por finalidade a formação das habilidades físicas, psíquicas, artísticas e morais, sem as quais a civilização não se estabelece[13].

A educação do ocidente, através da valorização do desenvolvimento das capacidades psíquicas, as prioriza por serem elas a base para a formação do sujeito social. Não pode haver moral sem consciência, subjetividade e memória, por isso a sociedade moderna valoriza a razão. Sendo a educação o processo genuíno de formação da subjetividade humana e transmissão da cultura, a análise nietzschiana da construção da consciência moral aponta para um indivíduo ensinado para corresponder à determinada comunidade.

Tendo em vista que será preciso percorrer a trajetória nietzschiana de formação moral humana o tema abordado neste trabalho será apresentado em três capítulos. Ao apresentar a evolução do homem da pré-história para a modernidade e o conceito nietzschiano de apequenamento do homem moderno com a democratização da cultura, pretende-se chegar à crítica nietzschiana a uma educação propagadora do ideal de cultura de negação e repressão dos instintos, apontando o ideal de homem nietzschiano em seu projeto filosófico.

No primeiro capítulo situa-se a transição do homem da pré-história ao homem moderno. A intenção desse capítulo é refazer o percurso do advento do homem que pode prometer por meio da consciência moral. É no processo de surgimento da modernidade que se encontra o conceito de apequenamento do homem. Nietzsche era contrário às noções

[12] Cf. BACELAR, Kleverton. ***O que é isto - A Filosofia da Educação***. Mimeografado, s/d.
[13] Cf. BACELAR, Kleverton. ***O que é isto - A Filosofia da Educação***. Mimeografado, s/d.

moralizantes modernas estabelecidas, porque elas viam na satisfação das condições fundamentais próprias da vida a necessidade de aniquilamento e repressão.

O segundo capítulo contempla a crítica nietzschiana de expansão do sentimento de igualdade baseado na propagação dos ideais liberais da Revolução Francesa, pelos mesmos representarem uma continuidade da moral cristã e uma forma de docilizar o homem. A democratização da cultura é instaurada por meio do cidadão, esse modelo de indivíduo soberano já adaptado às regras[14]. Para Nietzsche, o regime democrático, caracterizado como "regime do rebanho" é uma forma de governo que contamina as demais instituições sociais.

Finalmente, no terceiro capítulo, a cultura e a civilização do mundo moderno são apresentadas como formas conseqüentes do processo de apequenamento do homem na modernidade, possível com o dispositivo da educação. Somente através do sofrimento no aparato psíquico da consciência, validado pela memória, seria possível a evolução e perpetuação do homem, que de animal passaria a ser civilizado, reprimido, consciente, obediente e devedor.

Este capítulo contempla a objeção nietzschiana aos conceitos de ensino que perduravam no século XIX nos estabelecimentos de educação formal a partir da experiência que desenvolveu sendo professor do Pädagogium e da Universidade da Basiléia, na Suíça. Nietzsche é áspero ao descrever a formação cientificista e histórica e sua inutilidade para a produção de uma verdadeira cultura, propondo a superação da cultura decadente moderna através de uma nova concepção de educação humanística e clássica.

Com a transvaloração dos valores, o que Nietzsche propõe é a estruturação aristocrática de um homem novo, seu além do homem, profetizado por Zaratustra. O além do homem é para o filósofo o ideal nobre senhor de sua vontade, que vive o tempo presente, desprendido de tudo. Sua moral é oposta a do animal de rebanho e ele situa-se além dos valores de bem e mal da cultura ocidental cristã. O *übermensch* nietzschiano é criador de uma nova cultura.

I

[14] Para Nietzsche existem duas possibilidades de configuração do indivíduo soberano: o último homem, concretizado na modernidade e o além do homem ou *übermensch,* o sujeito livre que vive além da moral.

Moderno e Pré-Moderno em Nietzsche

O objetivo deste capítulo é entender na filosofia de Nietzsche como o homem se tornou dotado de responsabilidade, capaz de empenhar sua palavra em promessa e cumpri-la, não obstante sua natureza o conduzisse a uma ação contrária, oriunda da vontade de poder, livre e inerente ao homem, portanto, irracional e desordenada. Fundamentando-se na *Para Genealogia da Moral,* que indica como ocorreu o processo de aquisição da consciência, será percorrida a trajetória filogenética[15] de formação moral no homem.

Será seguido o rastro da história da responsabilidade[16] e da formação da consciência moral na transformação e na passagem do bicho-homem para o homem civilizado, apontado na segunda dissertação da *Para Genealogia da Moral*. Para Nietzsche o homem europeu moderno do século XIX foi o fruto maduro de um processo de domínio da consciência sobre o corpo com os instintos reprimidos. De certo modo foi um fruto tardio por levar anos para internalizar a consciência moral e responder pelos seus atos.

> Poder responder por si, e com orgulho, ou seja, poder também *dizer Sim a si mesmo* – isto é, como disse, um fruto maduro, mas também um fruto *tardio*: quanto tempo teve esse fruto que pender da árvore, acre e amargo! (GM, II, § 3)

Para Genealogia da Moral, escrita no verão de 1887 em Sils Maria, apresenta uma coesão sóbria e grandiosa da análise e crítica da moral desenvolvida em *Humano, demasiado humano; Aurora; Gaia Ciência; Zaratustra* e *Para Além do bem e do mal*. Nesta obra, Nietzsche aponta o desenvolvimento do homem do período da eticidade dos costumes até o surgimento da subjetividade e declara que o advento do indivíduo soberano moderno só foi possível graças ao processo de formação da consciência moral.

Para Genealogia da Moral se divide sob a forma de três dissertações. A idéia nietzschiana é que a moral se instalou no homem perpassando por três etapas: primeiramente

[15] Do grego *phýlon,* que significa 'tribo', 'raça' e *génesis*¸ que compreende a formação dos seres desde a origem. Filogênese ou filogenia refere-se a evolução das unidades taxonômicas ou grupos, história evolucionária das espécies e se contrapõe a ontogênese, correspondente ao desenvolvimento do indivíduo desde a fecundação até a maturidade.

[16] Nietzsche declara que a história dos sentimentos morais é a história de um erro, o erro da responsabilidade (HHI, § 339). A tarefa paradoxal que à natureza se impôs foi a criação de um animal capaz de fazer promessas. Paradoxal porque fazer promessas é um ato que pressupõe um futuro e procura contrabalançar em seu seio vontade, consciência, liberdade e responsabilidade (GM, II, §§ 1 e 2).

o homem atingiu seu estado de ressentimento, dando vazão à vingança, num esforço de ser hostil aos prazeres da vida. O segundo momento foi o desenvolvimento da má consciência ou culpa, onde ocorreu a internalização da repressão dos instintos. Finalmente a última etapa caracteriza a prática de negação ou ascetismo.

Na primeira dissertação Nietzsche procura entender os conceitos de bem e mal, oriundos do *pathos* da nobreza e da distância[17], abordando a existência de dois tipos de homem - o nobre e o escravo. Ele tece sua crítica ao dualismo metafísico cristão *bem versus mal*, que procura avaliar o mundo e tomar pra si somente o bom, o belo, o verdadeiro e o divino. Tal dualismo promove separação de dois mundos: um terrestre (provisório, inautêntico) e outro formado pelo espírito (abstrato, lógico, real).

> A verdade da *primeira* dissertação é a psicologia do cristianismo: o nascimento do cristianismo no espírito do renascimento, *não*, como se crê, do "espírito" do ressentimento, *não*, como se crê, do "espírito" - um antimovimento em sua essência, a grande revolta contra a dominação dos valores *nobres*. (EH, GM)

A segunda dissertação aborda a questão da "culpa", "má consciência" e coisas afins. Seu objetivo é entender como foram criados os juízos morais, porque sua proposta consiste em suscitar novos valores. Foi na base da moral cristã que o filósofo situou a criação do remorso, que conduz o homem ao arrependimento e ao sentimento de igualdade. Sua sistematização aponta o ateísmo como única forma de não possuir dívidas e não desfrutar da crueldade psíquica causada pela má consciência (HHI, § 135).

> A segunda dissertação oferece a psicologia da *consciência*: a mesma *não* é, como se crê, "a voz de Deus no homem" – é o instinto de crueldade que se volta para trás, quando já não pode se descarregar para fora. A crueldade pela primeira vez revelada como um dos mais antigos e indeléveis substratos da cultura. (EH, GM)

Na segunda dissertação da *Para Genealogia da Moral*¸ Nietzsche aborda a questão da *mnemotécnica* nos § 1, 2 e 3. A partir do § 4 até o 14, é descrito como ocorreu a formação da consciência moral no homem e quais foram os mecanismos utilizados para isso. Analisa assim os castigos, seu uso, finalidade e o sentimento de culpa. A produção da má consciência é exposta pelo filósofo a partir do § 15 ao § 18, e por fim, do § 19 em diante, Nietzsche trata da internalização da vontade por vias da consciência moral como herança de uma dívida.

Na terceira dissertação Nietzsche esclarece o que significam os ideais ascéticos: uma forma de crueldade internalizada contra tudo que é humano, corpóreo, alimentando um ódio pelo próprio ser. O asceta é o virtuoso do dizer-não. Para Nietzsche a ascese constitui-se em

[17] *Phatos da nobreza e da distância* – conceito que nasce para diferenciar as classes de nobres e escravos e depois é exportado para a reparação da alma humana afastando tudo que pode causar o sentimento de culpa (GM, I, § 2 e BM, § 257).

um meio, porém para o cristianismo a pratica asceta constitui-se em um fim. A moral cristã é a prova de que é possível uma transvaloração dos valores. Nesse sentido o filósofo se sente responsável por uma nova concepção de moral.

> A terceira dissertação dá resposta à questão de onde procede o tremendo poder do ideal ascético, do ideal sacerdotal, embora o mesmo seja o ideal *nocivo par excellence*, uma vontade de fim, um ideal de *decadénce*. [...] Três decisivos trabalhos de um psicólogo, preliminares a uma tresvaloração de todos os valores. (EH, GM)

A mnemônica, técnica de produção da memória.

O primeiro elemento necessário para uma formação humana condicionada à memória, capaz de cumprir aquilo que um dia fora prometido, é a consciência[18]. O desenvolvimento do aparato psicológico é a constituição que distingue o homem dos outros animais e proporciona o surgimento do ser social. A construção da memória foi necessária para a comunidade porque a consciência responsabiliza o homem por seus atos e palavras. O comportamento previsível só poderia existir por conta da anulação do esquecimento.

O esquecimento é visto por Nietzsche como uma força e não uma fraqueza, um signo que distingue o nobre por oferecer *um eterno retorno a si mesmo,* a possibilidade de repetição de momentos da vida, [...] com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, *presente* (GM, II, § 1). Sem se preocupar com as lembranças do passado e com a previsão do futuro, esquecer é viver apenas o presente.

O homem, enquanto animal político e racional formado pela linguagem e pela razão, só é capaz de expressar suas necessidades por meio da fala e agir ordenadamente de modo a atendê-las se desenvolver uma memória. Nietzsche atesta que aquele que não apresenta sucesso com esse aparelho regulador - a memória - de nada pode dar conta (GM, II, § 1). No processo de civilização da sociedade foi preciso desenvolver a técnica de criação da memória.

A *mnemônica* é a arte de gravar com fogo (pirogravura), a construção da memória através da dor. Sua técnica consiste em produção da memória e não de rememorização. Quanto mais fixa a lembrança na memória, mais inesquecíveis e onipresentes os ideais e as exigências do convívio social. Quanto mais doloroso o processo de reter algo, mais segurança haverá na palavra dita, na promessa feita, no juramento que será cumprido (GM, II, §3).

Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de *causar dor* fica na memória (GM, II, § 3). Como produto da *mnemotécnica* encontra-se a razão humana, sua origem ou pré-condição advém de um doloroso processo. Sem memória não

[18] Entretanto a consciência é o último e derradeiro desenvolvimento do orgânico e, por conseguinte, também o que nele é mais inacabado e menos forte. (GC, § 10)

pode haver promessa, sem a qual não pode haver sociedade, porque a mesma é permeada por normas e regras. Não podem existir sentimentos morais sem uma consciência moral.

> É preciso ter boa memória, para poder cumprir as promessas feitas. É preciso ter grande força de imaginação, para poder sentir compaixão. De tal modo a moral está unida à qualidade do intelecto. (HHI, § 58) (Grifos meus)

É preciso desenvolver técnicas que possibilitem ao homem se comportar moralmente. Adaptar o homem à cultura é domesticar o que há de animal através de instrumentos cruéis que reprimam sua vontade. Para viver em sociedade e ser capaz de fazer e cumprir promessas, o homem precisou se tornar confiável. O indivíduo soberano chama de sua consciência essa *responsabilidade*, conquistada por meio de um longo processo de enquadramento. Tal consciência é responsável por regular suas ações e seus atos[19].

O estabelecimento do mecanismo da consciência foi um dos instrumentos utilizados para o bloqueio da vontade de poder no homem. A consciência, enquanto órgão que dá a direção aos atos humanos age sobre os instintos, dominando o desejo. Esse processo se concretiza com internalização da consciência moral a que Nietzsche se refere como o controle sobre si e sobre todos os instintos, que torna o indivíduo vigilante contra as paixões suscetíveis de provocar sentimento de culpa.

É ao âmbito moral que compete atribuir a medida de valor e regulamento internalizadas no comportamento humano, pois o mesmo dirige o homem por meio da memória. A função da sociedade é moldar o indivíduo para ser previsível, regulado, constante e que saiba obedecer e cumprir as leis do convívio social. É sob os alicerces morais que o homem passa a ser detentor de uma identidade e de uma vontade de querer ser ele mesmo, de não-mais-querer-livrar-se, de prosseguir-querendo o já querido (GM, II, § 1).

A formação do sujeito moral só é possível se existirem leis que regem a comunidade, responsabilizando-o por seus atos. Todavia, a ação humana é multidirecional, seus valores e virtudes mudam conforme o tempo e a sociedade em que está inserido. Sendo assim, como a regulação internalizada com a memória será capaz de constranger a vontade livre do homem?

[19] Com a ajuda da moralidade dos costumes e da camisa-de-força social, o homem foi realmente *tornado* confiável. No fim desse imenso processo da história da responsabilidade, encontra-se o fruto maduro da árvore: o *indivíduo soberano*, igual apenas a si mesmo, novamente liberado da moralidade do costume, indivíduo autônomo supra-moral, porque "autônomo" e "moral" se excluem, o homem da vontade própria, duradoura e independente, o que pode *fazer promessas* (GM, II, § 2).

Através do enquadramento das técnicas comportamentais do corpo, sua prisão às obrigações sociais.

A obrigação social teve seu início nas relações contratuais entre credor e devedor (GM, II, § 4). Seu objetivo foi estabelecer um processo de moralização dos comportamentos entre seus acordantes. O produto da marca deixada com o aprisionamento do corpo foi a reflexão, que repensava a ação antes desta ser movida por uma vontade própria. A motivação que impulsiona a vontade é mediada pelo intelecto, o feito que decorre de um motivo é medido pela consciência.

Dominação dos instintos: a prática dos castigos.

A história da consciência moral teve por objetivo conhecer e dominar os instintos para a construção do ser social. Entretanto, para que isso ocorresse, essa formação se valeu de elementos para que a inteligência do homem tão fraca se tornasse apta a prometer alguma coisa, empenhar o futuro, responsabilizar sua ação lembrando o passado. As práticas de torturas e castigos foram tomadas então como procedimentos para que na mente humana florescesse exatamente o que *querer* e o que *não querer*.

Para que o que é imposto ao homem passe a ter mais valor do que a sua própria vontade, o temor deve tornar-se o pai da moral (BM, § 201). Se a esfera da alegria é a do esquecimento, a seriedade vem com a certeza da punição. Esta punição, que inibe a ação humana, foi concretizada inicialmente com a prática dos castigos. A moralidade é antecedida pela *coerção* (HHI, § 99). A mente age agora intencionalmente de forma responsável, lembra-se do que antes lhe fora gravado, e passa a designar uma sentença a todos os atos humanos.

Sustentado pelo sentimento de culpa e pela noção de moral, o castigo encontra embasamento nas obrigações legais. Foi nas relações contratuais de compra, venda e troca que se impeliu pela primeira vez a palavra proferida como promessa, e por esse motivo são elas que enquadram o devedor. Àquele que não cumpriu o que penhorou ocorrem os castigos duros, cruéis e penosos. No acordo, o devedor empenha ao credor algo como garantia de que irá corresponder ao contrato:

> O devedor, para infundir confiança em sua promessa de restituição, para garantir a seriedade de sua promessa, para reforçar na consciência a restituição como dever e obrigação, por meio de um contrato empenha ao credor, para caso de não pagar, algo que ainda "possua", sobre o qual ainda tenha poder, como seu corpo, sua mulher, sua liberdade ou mesmo sua vida (ou, em certas circunstâncias religiosas, sua bem-aventurança, a salvação de sua alma, e por fim até a paz no túmulo). (GM, II, § 5)

Para aprender como se portar de modo a receber os benefícios da vida em sociedade[20], a comunidade pode instar o indivíduo a reparar o dano imediato que sua ação acarretou, cobrando uma espécie de vingança daquele que sofreu o prejuízo. Essa cobrança ou vingança se configurariam na manifestação do castigo (A, § 9). A racionalidade do castigo tem origem na equivalência dano e dor, de que o castigo deve também ser medido, uma proporção que se estabelece a partir do ato cometido pelo infrator da lei.

O castigo apresenta em si modos fluentes de ser e se portar, também seu sentido e funcionalidade se fazem da mesma maneira fluidos (GM, II, § 12). Sua forma e procedimento são duradouros, enquanto que sua finalidade e sentido são mutáveis. A depender da sua utilidade ele apresenta uma infindável lista de aplicações (GM, II, §§ 13 e 14). Todavia o seu núcleo de criação permanece oculto. Em dados momentos, por sua causa variável, alguns de seus propósitos se sobressaíram mais que outros, suprimindo assim os menos atingidos.

Ao contrário do que se pensou durante muitos anos a respeito dos castigos, que eram impostos para a correção do homem, para responsabilizá-lo por suas ações, eles muito mais serviram para descarregar e exteriorizar a raiva. Impor castigo ao devedor não era, por assim dizer, o meio pelo qual estava se conscientizando o mesmo pelo seu feito, constituía o deleite do credor em castigar. Por meio da punição ao corpo do devedor, o credor, quanto mais inferior fosse seu prestigio social, mais prazer sentia em cometer torturas (GM, II, § 10).

Assim, a equivalência e a medida do castigo não existem no que tange à correspondência da dor ao dano causado ou ao crime cometido, mas à "satisfação íntima concedida ao credor como reparação e recompensa - a satisfação de quem pode livremente descarregar seu poder sobre um impotente." (GM, II, § 5). Os castigos foram revestidos de vingança recoberta pelo poder legal e, caso o castigo fosse de responsabilidade das autoridades, existia ainda a alegria de ver ao menos o devedor sofrer.

O sofrimento causado no corpo do devedor somente repunha a dívida em razão de que causar a dor no outro era compensador, era satisfatório. O castigo adquire assim o sentido de horror desejado de ser assistido, prestigiado: ver-sofrer faz bem, fazer-sofrer mais bem ainda – é o que aponta a história do homem para o fazer-sofrer como um elemento festivo (sem

[20] Nietzsche escreve que ao viver numa comunidade, o homem desfruta de suas vantagens (e que vantagens!). O que quer dizer que todo criminoso, aquele que infringe as leis e regras dessa comunidade em que vive, é um devedor que não só não paga os proveitos e adiantamentos que lhe foram concedidos, como inclusive atenta contra seu credor (a sociedade): daí que ele não apenas será privado de todos esses benefícios e vantagens, como é justo – doravante lhe será lembrado o *quanto valem esses benefícios.* O "castigo" é assim a manifestação de ira contra o inimigo (GM, II, § 9).

crueldade não há festa) (GM, II, § 6 e HHI, § 50). A "maldade desinteressada" [21] era natural ao homem e por isso mesmo tão desejada.

A inversão dos valores de bom e mau que alcançou o homem moderno causou um sentimento de repulsa e indelicadeza ao que era talvez mais bem aceito pelos povos antigos, pois eles concebiam algumas noções com a consciência tranqüila. A humanidade antiga não sentia vergonha de algo que lhe era próprio (seus instintos), pois viam alegria nas formas naturais da vida. Ela era mais forte e, portanto mais livre.

"Há uma *moral dos senhores* e uma *moral dos escravos*" (BM*,* § 260), afirma Nietzsche na análise da origem dos conceitos de "bom" e "mau". Os nobres, senhores de seu corpo, sua vontade e dos prazeres da vida, geram nos escravos o sentimento de vingança. O *querer-fazer-sofrer* como produto do ressentimento, visto que não pode colocar-se como ação, interioriza-se, tornando-se um sentimento contrário ao ativamente agressivo.

> [...] o escravo quer o incondicional, ele só compreende o que é tirânico, também na moral; ele ama como odeia, sem nuance e até o fundo; até a dor, até a doença - seu enorme sofrimento *oculto* se revolta contra o gosto nobre, que parece *negar* o sofrer. (BM, § 46)

Noutros tempos, os nômades viam em seus ancestrais aqueles a quem deviam o poder que os assegurava mediante outras tribos. Quanto mais forte a comunidade se encontrava, mais crescia a responsabilidade de retribuição através do oferecimento de sacrifícios para com a sua linhagem, seus heróis e deuses. Entretanto, mesmo depois do modo de vida em comunidade ter entrado em declínio, o sentimento de culpa perdurou (GM, II, § 20).

O homem inventou os deuses, para justificar a crueldade. Dando sentido à dor causada pelo outro no prazer de *fazer-sofrer*, os castigos deixaram de ser humanos e passaram a ser exercidos pelo poder dos deuses e para os deuses, numa instância espiritualizada. A justificativa para todo o mal era a distração de um deus no *ver-sofrer* o homem. O sentido dos festivais de horrores era satisfazer o beneplácito dos deuses:

> Pensa-se, então, que também os deuses ficam animados e de humor festivo quando se lhes oferecem o espetáculo da crueldade – e dessa maneira insinua-se no mundo a idéia de que o *sofrimento voluntário,* o martírio deliberado tem sentido e valor. (A, § 18)

A representação máxima dessa satisfação dos deuses ao prestigiarem com prazer o sofrimento humano concretizou-se no advento do *Deus cristão*, a quem e por quem se devia

[21] Nietzsche entende que mesmo tendo sido encerrado o período da punição com os castigos, essa "maldade desinteressada" está presente no processo psíquico. Ele afirma que "a crueldade está entre as mais velhas alegrias festivas da humanidade", (A, § 18).

manter a moral e o cultivo cada vez mais forte do homem social. Para tanto a moral cristã deve gerar no homem o ressentimento pelos seus atos, por meio de uma doutrina que traz culpa ao homem e estabelece o arrependimento pelos pecados (GM, II, § 20).

> Todo valor moral, condena a racionalidade em geral e convida os afetos a manifestar-se em sua força e esplendor extremos, como *amor* a Deus, *temor* a Deus, como fanática *fé* em Deus, como cega *esperança* em Deus. (A, § 58)

A culpa moral regida pelas relações contratuais legais, jurídicas e econômicas, encontra respaldo no arrependimento. Esse é o desejo próprio do ato punitivo enquanto instrumento: o surgimento da culpa. O efeito esperado por sua ação é que homem aprenda a obedecer, perca a soberania da sua vontade e se torne domesticado para a civilização. O que se pretende é inserir no homem a vontade de querer ser diferente do que se é, algo fora ou contrário ao seu caráter egoísta ou mau, tornando-o apenas bom.

> Em submissão a leis arbitrárias, [...] tudo o que há e houve de liberdade, finura, dança, arrojo e segurança magistral sobre a terra, seja no próprio pensar, seja no governar, ou no falar e convencer, tanto nas artes como nos costumes, desenvolveu-se apenas graças à tirania de tais leis arbitrárias. Essa tirania, esse arbítrio, essa extrema e grandiosa estupidez *educou* o espírito (BM, § 188).

Toda moral é, em contraposição ao *laisser aller* ["deixar ir"], um pouco de tirania contra a "natureza". O essencial e inestimável em toda moral é o fato de ela ser uma demorada coerção (BM, § 188). Apesar da formação da consciência moral ter sido produto de um processo longo e doloroso, pensado como maneira de punir o homem por seus atos imprudentes o castigo foi por excelência a forma promotora do fortalecimento social da espécie através do qual homem moderno aprendeu a se submeter às normas da civilização.

O castigo endurece, concentra e não dispersa, aumenta a forma de resistência, dá prudência para não serem cometidos os mesmos erros, no calor real dos acontecimentos torna capaz o raciocínio, traz frieza e seriedade e nesse sentido não permite que o sentimento de culpa se manifeste. Dessa forma, a intenção genuína de domar o homem por vias da má consciência pode não ser fundamentalmente a reparação do dano causado, mas a produção de uma intensificação da prudência e a melhoria da faculdade de julgar seus próprios atos.

O valor do castigo para a criação do remorso, apontado por Nietzsche como acréscimo de medo, procura controlar dos desejos. Instituído com o objetivo de corrigir o erro ele não desperta a culpa, mas aguça o sentimento de distância (*Pathos*), fixando a diferença: "os homens que romperam através de uma *ação* a autoridade de um costume - geralmente são chamados de criminosos" (A, § 20). A má consciência é formada no indivíduo moderno, reprimido em seus instintos, onde começam a brotar as noções de dever e obrigação social.

> "*Neles* não nasceu a má consciência, isto é mais do que claro – mas *sem* eles ela não teria nascido, essa planta hedionda, ela não existiria se, sob peso dos seus golpes de martelo, da sua violência de artistas, um enorme *quantum* de liberdade não tivesse sido eliminado do mundo [...]" (GM, II, § 17).

A criação da má consciência e a internalização das vontades.

> Mas a moral não dispõe somente de toda espécie de meios de apavoramento para conservar longe de si as mãos críticas e os instrumentos de tortura: sua segurança repousa ainda em certa arte de encanto, na qual é entendida – ela sabe entusiasmar. (A, prólogo, § 3)

A evolução da má consciência apresentou três momentos sucessivos para que, na medida em que cometesse um erro o homem sofresse de arrependimento e remorso. Inicialmente as ações eram apenas boas ou más de acordo com as conseqüências que causavam (se úteis ou prejudiciais). No segundo momento ocorreu a classificação dos atos bons e maus como ambíguos. E no terceiro momento responsabilizou-se o homem pelos efeitos de suas ações (HHI, § 39), designando-o como "moral" ou "imoral" [22].

O movimento de criação da má consciência pela história da origem do "bem" e do "mal" surge nas tribos e castas da pré-história, passa pelos homens da moralidade dos costumes e chega à modernidade com os ressentidos. O animal se tornou homem quando seus atos passaram a equivaler ao bem-estar; depois o homem passa a agir conforme se enquadra socialmente; e por fim entende sua medida das coisas e define para si o que é honroso e útil, tornando-se um indivíduo coletivo (HHI, §§§ 45, 94 e 95).

O surgimento da subjetividade do indivíduo só acontece quando o homem passa a ser guiado por uma razão, ao invés da tradição, em negação à moralidade dos costumes. A eticidade dos costumes é modo pelo qual se obedece aos valores e tradições cristalizados de uma comunidade. Desta forma, o mais moral é aquele que mais *sacrifica* ao costume. Na aquisição da vida social do ponto de vista nietzschiano, a *primeira norma da civilização* é esta: qualquer costume é melhor do que nenhum costume (A, § 9).

Costume é a maneira *tradicional* de agir e avaliar, quanto menos a vida é determinada pela tradição, tanto menor é o círculo da moralidade (A, § 9). Sendo a tradição uma autoridade superior a que se obedece não porque ordena o que nos é útil, mas porque *ordena,* na presença da moral, como diante de toda autoridade, não se *deve* pensar, menos ainda falar (A, prólogo, § 3). A análise nietzschiana do conceito de moralidade demonstra que o indivíduo deve sacrificar-se, por ser isso que reza a tradição dos costumes.

[22] O homem decide sobre sua moralidade ou imoralidade. As ações "imorais" são tidas como "más" porque são motivadas pelo impulso de conservação individual, pelo propósito de buscar o prazer e evitar o desprazer (HHI, §§ 42 e 99).

Com o advento da moralidade do costume, ao indivíduo só é permitido agir em comunidade, entenda-se em concordância, conformidade e identidade ao que é estabelecido. Qualquer tentativa de ação individual ou diferente da que é imposta é tida como uma ameaça perigosa (GC, § 117). Se moralidade é a legalidade do que se é permitido ou não fazer, "bom" é chamado todo aquele que pratica facilmente e de bom grado o que é moral e "mau" designa aquele ser que é "não moral" (imoral), que sabe ofender a tradição (HHI, §§ 96 e 97).

Não obstante, sem a moral, o homem teria permanecido animal, por esse motivo a moralidade causa prazer (HHI, §§ 40 e 91). O que importa não é saber como *surgiu* a tradição; e sim como ela pôde conservar a *comunidade.* Desta forma, Nietzsche declara que ser ético nesse período da moralidade dos costumes significa prestar obediência a uma lei ou tradição há muito estabelecida, e isso não pede reflexão[23].

A eticidade dos costumes anula a deliberação, capacidade de agir sem outra intervenção que não a da própria vontade (liberdade), e transforma o homem em um ser não natural. Os valores que determinam a ação humana são as normas e as regras criadas para prescrever a vontade, ou seja, domesticar os instintos. A moral trata o homem como *dividuum* e não como *individuum*[24] (HHI,§ 57).

Todavia, quando o homem se afasta da comunidade e começa a cultivar sua própria individualidade surge, para Nietzsche, a modernidade. Ao existirem aqueles indivíduos que seguem as pegadas de Sócrates e andam por um novo caminho, onde a ação não é realizada em respeito à tradição por total desaprovação a eticidade dos costumes, se desfalece a moralidade.

> O homem livre é não-moral, porque em tudo quer depender de si, não de uma tradição: em todos os estados originais da humanidade, "mau" significa o mesmo que "individual". Sempre conforme o padrão desses estados originais: se uma ação é realizada *não* porque a tradição ordena, mas por outros motivos (a utilidade individual, por exemplo), ela é considerada imoral e assim tida por seu ator. (A, § 9)

Nietzsche afirma que "o costume representa as experiências dos homens passados acerca do que presumiam ser útil ou prejudicial" (A, § 19), por isso a importância da adequação dos homens na generalidade, se adaptando a sociedade, aos governantes, a classes, partidos e opiniões de sua época. Fora isso haverá a doença da má consciência, por não conseguir se adequar, se submeter às regras e preceitos morais, por não conseguir se tornar igual aos demais, reagindo ao que lhe é imposto.

---

[23] A negação da vontade é o ápice da moral (HHI, § 138).

[24] Os termos são oriundos da escolástica e significam aquele que não pode ser dividido sem perder sua essência e o que é composto e não possui uma essência individual, respectivamente (HHI, Nota). A moral exige que alguém observe seus preceitos *sem pensar em si* como indivíduo (A, § 9).

Desta maneira o filósofo revela que cada modo individual de agir ou pensar provoca horror para a tradição. Para que no homem seja cravada uma memória da dor com o propósito de internalização da lei como uma vontade universal e necessária, o que antes era externo (submetido ao castigo imposto pela comunidade pela ofensa ao costume para reparação do dano) é transferido para o psiquismo como auto-regulação. Sob o domínio da moralidade dos costumes, toda espécie de originalidade adquiriu má consciência (A, § 9).

> A espiritualidade superior e independente, o desejo de estar só e mesmo a grande razão, serão percebidas como perigo: tudo o que ergue o indivíduo acima do rebanho e infunde temor ao próximo é doravante apelidado de *mau*; a mentalidade modesta, equânime, submissa, igualitária, a *mediocridade*, dos desejos obtêm fama e honra morais. (BM, § 201)

Por causa da maneira pessoal de reação dos indivíduos com relação aos agentes externos da civilização, criou-se a adaptação às coisas. O homem que reage por qualquer motivo, conquista o desejo de vingança ou é dirigido pelo ressentimento. Sendo assim, essa adaptação e anulação da vontade natural do homem tiveram de ocorrer para que ele se tornasse apto a viver em sociedade, invalidando os instintos e substituindo-os pela consciência. Nesse sentido, a moral cristã desempenhou papel preponderante[25].

Em contraposição ao imperativo categórico de Kant[26]: "*Age somente, segundo uma máxima tal, que possas querer ao mesmo tempo em que se torne lei universal*" (base da eticidade deste filósofo), Nietzsche apresenta o homem e o mundo enquanto estruturas sem forma e, portanto sem ordenação. Ele acreditava que o verdadeiro homem é aquele que vive em liberdade com seus próprios valores e virtudes, diferente do anti-dionísio asceta sacerdotal, cuja busca é pela renegação da vontade do corpo.

> O cristianismo conhece, no âmbito moral, apenas o milagre: a súbita mudança de todos os juízos de valor, o súbito abandono de todos os hábitos, o súbito e irresistível pendor para novos objetos e pessoas. Ele concebe esse fenômeno como obra divina e o chama de ato de renascimento, dando-lhe um valor único, incomparável - tudo o mais que se chama de moralidade, e que não tem relação com esse milagre, vem a ser indiferente para os cristãos, e talvez ate objeto de medo, enquanto sentimento de bem-estar e de orgulho. (A, § 87)

---

[25] Existe um *desafio a si* mesmo, cujas expressões mais sublinhadas incluem várias formas de ascese. É artimanha do cristianismo ensinar a total indignidade, pecaminosidade e abjeção do homem. O homem pode se decidir tanto por uma vingança terrível quanto por uma terrível refração de sua necessidade de vingança. A moral preza que haja grandeza na negação de si mesmo, e não apenas na vingança [...] (HHI, §§§ 137, 117 e 138).

[26] O imperativo categórico kantiano aparece citado em algumas obras de Nietzsche (A, § 207; GM, II, § 6 e BM, § 5). Para ele a moral de Kant é ingênua por exigir do indivíduo ações que se deseja serem de todos os homens, como se cada qual soubesse sem dificuldades que procedimento beneficiaria toda a humanidade, o bom como o caráter da impessoalidade e da generalidade (HHI, § 25; AC, § 11).

Somente com o *milagre moral* do cristianismo o homem poderia modelar-se. O controle dos instintos e a inserção de uma razão auto-reguladora no homem, só foram possíveis através do aparato da má consciência. O homem moderno tornou-se reduzido somente à sua culpa, reforçada pelos valores do cristianismo. Para Nietzsche "há uma grande escala na crueldade religiosa, com muitos níveis". Dentre esses níveis ele aponta para o sacrifício dos próprios instintos como o mais importante (BM, § 55).

> Desde o começo a fé cristã é um sacrifício: sacrifício de toda liberdade, todo orgulho, toda confiança do espírito em si mesmo; e ao mesmo tempo solidão e auto-escarnecimento, automutilação. Há crueldade e fenicismo[27] religioso nessa fé, que é exigida de uma consciência debilitada, múltipla e de muitos vícios: seu pressuposto é que a submissão do espírito seja indescritivelmente *dolorosa*, que todo o passado e todo o hábito de um tal espírito se oponham ao *absurdissimum* que a "fé" para ele representa. (BM, § 46)

O mundo para a moral cristã é fundamentalmente mau e a natureza é essencialmente má devido ao pecado original. Por isso é bom que existam leis que pretendem torná-lo melhor assim como o cristianismo expressa a tentativa de tornar o homem melhor. Desta forma, a neurose religiosa aparece na terra sob a forma de três prescrições dietéticas perigosas: solidão, jejum e abstinência sexual (BM, § 47). Esse é o ideal da ascese pregado pela moral cristã e autor da inversão de valores: o asceta faz da virtude uma necessidade (HHI, § 76).

Os homens ressentidos passaram a cultivar as idéias do espírito, mediante os dogmas cristãos, tornando-se adeptos do ascetismo. Esta foi a única forma que encontraram para aliviar o sofrimento da vida presente e se vingarem dos homens nobres. Para compensar sua miséria eles abraçaram a causa da renúncia (pregada como virtude), e isso lhes serviu de máscara para esconder sua vontade de vingança. É no sacerdote asceta que se localiza a inversão dos valores, a religião mascara o controle da má consciência como prudência.

> A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas pó uma vingança imaginária obtêm reparação. (GM, I, § 10)

A inversão dos conceitos de "bom e mau", "bom e ruim" é localizada quando o homem do ressentimento cria valores. Ele transforma a idéia de sua impotência diante da vida em humildade, ocultando sua insatisfação. Sua vontade de poder, negada em favor do ideal ascético a nada-querer, reprime sua vontade própria, gerando o adestramento e o

[27] Autonegação no sentido religioso ou automutilação como entre os astecas e fenícios, de onde oriunda a palavra *fenicismo.* (BM, § 229)

aniquilamento de seus instintos. Para Nietzsche, o que o homem ressentido faz é rebelar-se contra a moral, invertendo assim seus valores, o que tem início com o povo judeu[28].

> Os judeus - um povo nascido para a escravidão [...] realizaram esse milagre da inversão dos valores. Os seus profetas fundiram "rico", "ateu", "mau", "violento" e "sensual" numa só definição, e pela primeira vez deram cunho vergonhoso à palavra "mundo". Nessa inversão de valores reside a impotência do povo judeu: com ele começa a *rebelião escrava na moral.* [Enquanto que] *A alma nobre tem reverência por si mesma.* (BM, §§ 195 e 287)

A hipótese de Nietzsche sobre a má consciência é que esta se caracteriza como uma doença profunda causada pela entrada na vida social (GM, II, § 16). A sociedade a pressupõe e a exige para se manter sobre a vigência da paz. Constituem símbolo da civilização e da sociedade a contração da doença da má consciência, o uso da razão e a submissão da vontade. Não pode haver cultura nem vida social sem a repressão dos instintos, já que eles são as satisfações mais íntimas, os desejos e as paixões humanas.

> Todos os instintos que não se descarregam para fora *voltam-se para dentro* - isso é o que chamamos de *interiorização do homem*: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua "alma" [...] A hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança na destruição - tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: *esta* é a origem da má consciência. (GM, II, § 16)

Na idéia nietzschiana a má consciência acontece por meio do controle dos instintos, do instinto de liberdade tornado reprimido, recuado, encarcerado no íntimo (GM, II, § 17), causando o sentimento de culpa, o remorso, a necessidade de redenção e o surgimento do pessimismo[29]. Tal atitude conformadora de negação da vontade torna a vida na modernidade desapaixonada e sua essência criativa e nova desconhecidas. Ficou reduzida agora, a espécie humana, a inferir ações, medir, calcular (GM, II, § 8).

Produzindo-se a consciência moral, o arrependimento passa a ser a noção de justiça instaurada no interior do indivíduo. Tem origem aí o sentimento com o qual se valora e mede. Nisto a relação do direito entre o credor e devedor apresenta o que lhe é próprio[30]: a culpa, a obrigação pessoal, produto de uma gravidez que teve por ventre a alma. Emergindo de uma

[28] Em BM, § 195 ao qual faz referência na GM, I, § 7 Nietzsche afirma que foi com o povo judeu que se iniciou a *rebelião escrava da moral.* Com essa assertiva, o filósofo responsabiliza os valores cristãos pela inversão dos conceitos de "bom" e "mau", "bom" e "ruim". Seu desejo é superá-los, como cita na GM, I, § 17.
[29] A cura radical para todo pessimismo é a evolução do homem para espírito livre (HHI, prólogo, § 5).
[30] A *troca* é o caráter inicial da justiça (HHI, § 92).

gestação única e singular a perpetuação do sentimento de culpa e do remorso, necessários para amansar o homem, aconteceu devido a reprodução da doença da má consciência.

> O sentimento de culpa, da obrigação pessoal, para retomar o fio de nossa investigação, teve origem, como vimos, na mais antiga e primordial relação pessoal, na relação entre comprador e devedor, credor e devedor: foi então que pela primeira vez defrontou-se, *mediu-se* uma pessoa com outra. (GM, II, § 8)

A relação de credor e devedor encontra seus valores primeiramente na moral cristã e estende-se assim para o campo social. À vida em comunidade são concedidos os prazeres de desfrutar dos bens sociais, para tanto, o indivíduo que nela habita apresenta também obrigações morais para com a sociedade. Caso não o exerça é considerado um infrator, um criminoso, aquele que não conseguiu cumprir as leis estabelecidas e as regras morais que precisavam ser seguidas.

A civilidade do homem moderno é pensada por meio da medida de pessoas, valores e poder, pois cada uma tem seu preço. Avaliar transcreve assim uma atitude do complexo aparelho do psiquismo humano que envolve o cálculo, a medição e o peso das coisas. Essa é a diferença do homem para os demais animais. As ações do indivíduo passam a ser mais cautelosas por causa do aprimoramento em poder julgar a si mesmo e aos seus atos. Com o remorso surge a modelação dos comportamentos.

Longe de sua ação coercitiva o amansamento do homem a uma vontade externa jamais existiria, ficando comprometida sua submissão às leis e normas da sociedade. Com a evolução do sentimento de justiça, existe a tentativa de exercer brandamente o desarraigar dos sentimentos reativos. Sem esta evolução a cultura estaria comprometida, pois ela retrata a perda de alguma coisa, de um benefício próprio, em prol de algo diferente do que é próprio.

Esse foi o resultado da violenta separação do passado animal: a espiritualidade e santificação, mortificação das paixões e negação da natureza, crueldade que se volta para trás quando não se pode voltar para fora, mudança que não foi nem gradual nem voluntária (GM, II, §§ 16 e 17) [31]. A partir de atos de coerção se formou no homem o desejo continuar sendo sempre a mesma coisa: o ser moralizado e previsível, indivíduo soberano da modernidade.

As normas surgem para tornar o homem estável e fixo, porque é isso que o Estado pressupõe: um povo, um território, um espaço-nação, uma ordem com regras morais e jurídicas e leis que regulam esse espaço. A ação inibidora impedia o homem de desobedecer às leis, moldando-o a uma forma. Na pré-história os povos nômades eram livres, vivam sem

[31] O tormento da alma, lugar onde passa a incidir a crueldade (A, § 77).

normas e sem freio. Eles tiveram que aprender a obedecer, a satisfazer uma vontade externa, a do Direto, do Estado, do Soberano, Rei, superior.

A mesma força negativa que agia sobre o indivíduo para manter as regras e as leis da cultura, a ordem social, passou a agir no interior dele, regulando-o e não mais precisando exteriorizar-se. A diferença entre tais forças é que a primeira é executada sobre outros homens, sendo de fora para dentro, enquanto que a segunda é exercida contra o interior de si mesmo. A má consciência, como parte da invenção de um tipo de homem, é a força intra-subjetiva correspondente ao ressentimento moral (GM II, § 18).

A própria doença do homem foi a causa pelo qual posteriormente o fez sofrer. Nietzsche descreve o homem moderno como aquele com o qual ocorreu a divisão da alma com o corpo num combate interior (GM, II, § 24): o animal, cheio de pessoalidade, ser inteiro que busca satisfazer a sua própria vontade, livre e suprema *versus* o homem, impessoal, que vê no interesse próprio a parte ruim que precisa ser sacrificada para dar lugar ao ser coletivo[32]. A repressão das emoções espontâneas e a valorização dos mecanismos racionais coordenaram a modelação das condutas pela ampliação dos estados mentais.

A invenção da crueldade no plano psíquico é a intenção da moral internalizada. O homem inibido se aprofunda no interior de si mesmo. Na tentativa de descarregar o que sente, e sem poder, ele cresce para dentro, tornando-se cruel com e na mente. Ora, a consciência é mais frágil, falível, enquanto que o instinto certamente nunca se engana. Carregar o peso dos seus atos não anulou do homem as exigências de seus instintos, apenas as transferiu para uma instância interna, mais subterrânea. Reprimidos, regulados pelo órgão da razão, os desejos insatisfeitos interiorizaram-se na alma (GM, II, §§§ 16, 17 e 18).

A consciência moral internalizada pressupõe a espiritualização do sofrimento, a domesticação que deixa de ser do corpo e se encaminha para o plano psíquico, a passagem da dor física que se firma num longo processo de retaliação interna. A perda dos instintos procura civilizar, submeter, disciplinar e reprimir o homem; o sentimento de culpa e o castigo barram a vontade de poder.

O golpe dado pela ancestralidade, o remorso que passou a operar pela má consciência por causa do pecado original e pela essência má da natureza humana se concretizaram em uma dívida. O homem moderno interpreta no sentimento de culpa que o aprisiona a dívida

[32] Segundo Nietzsche, quase tudo que é chamado de cultura superior baseia-se na espiritualização e no aprofundamento da alma. (BM, § 229)

que necessita quitar e passa a ver tudo a sua volta de tal modo perverso, carrasco, juiz, inimigo, eterno em castigo (HHI, § 132) [33].

Os instintos são teimosos e difíceis de dominar e estar consciente (estar sob controle de consciência moral) não se opõe de algum modo decisivo ao que é instintivo (BM, § 3). Porém, foi a luta interna que provocou o aparecimento da ausência de si, da abnegação, do auto-sacrifício e do não egoísmo (GM, II, § 18). Tal processo foi necessário para o cultivo da civilização, preservação e continuidade da espécie humana.

Mais uma inquietação ambígua surge na mente humana como conseqüência da crueldade psíquica a que foi submetida com a herança de uma dívida e a criação de sentimentos tão nocivos à alma: entende a moral cristã como a personificação do mal e se compreende também enquanto culpado, que necessita do castigo: apenas no cristianismo tudo se torna castigo, punição bem merecida (A, § 78).

O ateísmo subsiste assim como única forma do homem deixar de sentir culpa pelos seus atos, o único modo de livrá-lo (HHI, § 135). Somente a perda da eficácia dos valores cristãos é capaz de aniquilar o conceito de dívida moral, onde se concentra e se encerra toda a questão do arrependimento. O niilismo que daí decorre é justificado por aqueles pessimistas, afundados na má consciência em seu nível mais intenso, porque subterrâneo, a alma.

Se não fosse a crueldade contra si mesmo, causada pela má consciência, o produto homem não seria capaz de entender a beleza nem o sentimento de humanidade. Se a obediência constitui-se no ato de seguir à uma moral que lhe é imposta, não ser egoísta implica um ser ético, que mede e escolhe ser bom, útil, benevolente e prestativo. A negação ao seu caráter nasce da relação com medo, o medo do castigo.

A matéria prima da relação desenvolvida com a repressão foi o animal homem e a obra foi o homem dominado, civilizado, sem instinto de liberdade, encerrado em sua má consciência. A partir deste momento, com uma vontade de poder conformadora e plástica, cresce a necessidade de que seja impresso no homem uma forma, a de um animal adestrado, apto a viver em sociedade, no qual é inscrito a auto-vigilância.

[33] A transferência da convicção de que a comunidade subsiste apenas graças aos sacrifícios e às realizações dos antepassados, e que por *medo* do ancestral e do seu poder, a consciência de ter dívidas para com ele cresce necessariamente na exata medida em que cresce o poder da estirpe, na medida em que ela mesma se torna mais vitoriosa, independente, venerada e temida; ocorre quando transfigurado num *deus*, o sentimento de culpa e a noção de obrigação se configura no dever social e moral internalizado (GM, II, §§ 19 e 20).

A formação do homem moderno.

Tendo traçado no decorrer deste primeiro capítulo a trajetória percorrida pelo homem pré da história até chegar à modernidade, o resultado se projeta em um sujeito ético com uma alma em conflito, cruel internamente para ser bom aos demais. O ideal novo que surge na sociedade moderna fundamenta-se no exercício da consciência moral voltado para maltratar-se, a auto-flagelação, maltratar o que há de animal e priorizar o que há de social (GM, II, § 18).

A repressão das vontades necessária para a vida em comunidade (autodomínio e moderação) pode ser alcançada por meio de seis métodos: evitar ocasiões; regular o impulso; saciá-lo, todavia sentir nojo dele; associá-lo a um pensamento doloroso; deslocar as energias empregadas nele em outra atividade ou enfraquecê-lo a tal ponto que venha a esvaziar-se dele. Esses métodos constituem, sobretudo, a infelicidade, experimentada pelo homem moderno (A, § 109).

> Na medida em que sempre, desde que existem homens, houve também rebanhos de homens, e sempre muito que obedeceram, em relação ao pequeno número dos que mandaram - considerando, portanto que a obediência foi até agora a coisa mais longamente exercitada e cultivada entre os homens, é justo supor que via de regra á agora inata em cada um a necessidade de obedecer, como uma espécie de *consciência formal* que diz: "você deve absolutamente fazer isso, e absolutamente se abster daquilo", em suma, "você deve". (BM, § 199)

Nietzsche afirma que a moral, imposta como um dever a ser obedecido, existe com o objetivo de conservar e promover o homem. Os valores que surgiram primeiramente no plano pessoal de alguns se tornaram juízos morais próprios ou adotados de homens que foram aconselhados a segui-los, o que constitui um ato de "falsidade, covardia e preguiça" (A, §§§ 101, 102 e 104). A finalidade da existência dos valores morais que regulam e enquadram o comportamento é a própria continuação da espécie humana e do processo civilizatório.

Assim, homem moderno foi gerado em meio a uma experimentação, cujos fins, se resumem à perpetuação da espécie humana. Essa experiência custou-lhe renúncia e sacrifícios, tudo isso em nome de valores que a tradição cristã lhe impôs. O cultivo dos "bons" sentimentos, educados por meio de preceitos morais, possibilitou o surgimento da modernidade. Nietzsche assim descreve o homem moderno, encerrado em suas próprias restrições ao qual é atribuído o signo de cooperador da civilização, da sociedade e da cultura:

> [...] Na Europa de hoje o home do rebanho se apresenta como a única espécie de homem permitida, e glorifica os seus atributos, que o tornaram manso, tratável e útil ao rebanho, como sendo as virtudes propriamente humanas: a saber, espírito comunitário, benevolência, diligência, moderação, modéstia, indulgência, compaixão. (BM, § 199)

Toda a filosofia de Nietzsche pode ser compreendida como uma crítica aos valores morais ocidentais modernos oriundos das idéias de racionalismo socrático-platônicas e do cristianismo tais como igualdade e compaixão, numa tentativa de recuperá-los, com a proposta de transmutação deles, superação do ideal ascético e criação da doutrina do além do homem, que afirma uma vontade de poder livre e se distancia da crueldade como aparelho fundador do processo civilizatório.

O processo de criação da consciência moral não aconteceu como um plano deliberado, ele transcorreu em toda a história da humanidade, sendo conseqüência da própria evolução, de uma a cultura que se preparava para o advento da consciência. Nietzsche localiza na modernidade a ordem promotora do apequenamento do homem porque após o surgimento do homem moderno (esse indivíduo moralizado que internaliza a lei e mede seu comportamento) a formação de certo tipo de homem ficou limitada.

A lei internalizada personificava o espírito aprisionado, representando a vontade de poder reprimida. Aqui surge novamente a idéia de um falso sentimento de justiça, experimentado pelo homem do ressentimento (o escravo - que não podia reagir e a quem só restava ressentir-se), condicionado e guiado pela má consciência. Como crítico das idéias modernas e do ideal de condicionamento à compaixão e à piedade, Nietzsche acreditava que os homens deveriam existir enquanto "espíritos livres" [34].

A moral nietzschiana, oposta à dos escravos, era contra todos os produtos da cultura ocidental, por considerá-los decadentes. A catástrofe da moral cristã e o advento dos ideais modernos (concretizados na Revolução Francesa) constituem para Nietzsche um símbolo incitante de apequenamento do homem. Ele apresenta uma filosofia anticristã por defender a liberdade do homem; antidemocrática em oposição à supervalorização da igualdade; e antitotalitária numa postura antagônica ao regime das massas[35].

Em prol de uma vontade de poder livre, o filósofo anseia superar a limitação da ação humana propondo o *übermensch* e sua própria moral. A liberdade que busca se opõe às práticas de remorso, arrependimento e não ação, típicas da moral cristã. Seu conceito de apequenamento surge com o homem moderno já formado em contraposição ao homem pré-moderno e sua relação instintiva natural. O indivíduo soberano da modernidade é aquele capaz de fazer promessas, dotado de sentimento de igualdade.

---

[34] Título da segunda parte de Além do bem e do mal, formação sobre a qual o filósofo transcorre no prólogo de Humano, demasiado humano.

[35] Cf. GIACOIA JR., Oswaldo. "**A Crítica da Moral como Política em Nietzsche**". *Humanas*, Londrina, v. 1, n. 2, p. 145-168, 1999.

O percurso do homem pré-moderno foi a memória da dor, a formação da consciência moral por meio da instrumentalização dos castigos, o sentimento de culpa pelo ato cometido, a internalização dos instintos e uma noção de justiça baseada no arrependimento. Através da herança de uma dívida, do ressentimento e da inversão dos valores morais, surgiu o advento de um deus e a constituição de uma moral pautada na prática da negação.

Desta forma, o processo de formação consciência moral serviu para que fossem domesticados seres previsíveis, dóceis, capazes de fazer e cumprir sua palavra em forma de promessa; criaturas que soubessem avaliar, responsabilizar, julgar, medir e calcular; corpos que fossem reprimidos, com instintos aniquilados, estrangulados, videntes do castigo, temerosos pela relação de dívida com o credor, comunidade, Estado, *Deus*.

A proposta que se pretendeu alcançar foi remontar o processo que possibilitou o surgimento do homem moderno para então elaborar a relação entre o apequenamento do homem moderno com a democratização da cultura e a educação. Nesse sentido, cabe ao regime político democrático fazer alusão a um tipo de homem que aprendeu e se domesticou para ser igual ao demais e é essa a crítica que Nietzsche formula à modernidade.

II

A Democratização da Cultura

O objetivo deste capítulo é apresentar a crítica nietzschiana à democratização da cultura e o apequenamento do homem que ocorre a partir dos ideais igualitários da modernidade. Tendo demonstrado o processo de desenvolvimento que o homem da pré-história atravessou em vistas de conceber o ser social moralizado habitante da civilização, necessário se faz perceber o florescimento do cidadão, sua atuação nas instâncias da sociedade e o alargamento das idéias democráticas à sociedade civil.

Com a criação da má consciência e a internalização das vontades, Nietzsche considera o homem da modernidade formado. A análise nietzschiana aponta que, para formar o indivíduo moral era preciso inserir no homem a noção de responsabilidade. Esta consciência de responsabilidade (*Gewissen*), apreendida com a memória, tornou-se seu valor. A má consciência nasce, portanto, do fazer mal a si na medida em que não se pode mais extravasar os instintos fazendo mal aos outros. Fica o homem reduzido à consciência (*Bewusstsein*) [36].

A construção dessa consciência moral só foi possível ao homem através da experiência da dor, do uso dos castigos ocorrido pelo descumprimento daquilo que outrora havia sido prometido. Esse exercício de crueldade internalizou-se, fomentando a subjetividade, o aparelho psíquico humano. É nesse sentido que Nietzsche afirma que o "progresso" é alcançado com o examinar da consciência, pois somente com as faculdades da razão o homem moral pode existir (BM, § 201).

Nietzsche entende a memória como uma faculdade que condiciona o homem ao passado e às conseqüências dos seus atos futuros e o esquecimento enquanto capacidade de viver o instante presente; sendo, portanto promotor da ação. A função de uma ação presa à memória é modelar o homem semelhante aos demais para poder controlar seus instintos, suprimindo-o tudo que lhe é pessoal.

O homem *esquecidiço* é aquele que descobre novamente a pré-história, sua e da humanidade: a *animalidade* (A, § 312). O argumento nietzschiano consiste na afirmação de que o que torna possível a civilidade do homem é o processo de afastamento das experiências primitivas, com o constante cultivo da memória. Essa domesticação (primeiro do corpo e agora da mente) e a má consciência sugerem um novo momento: a modernidade.

---

[36] "Gewissen" é a consciência moral, a faculdade de fazer distinções morais, ao passo que "Bewusstsein", outro termo alemão para consciência, designa o estar consciente, remetendo à percepção de um estado (Cf. MELO, Eduardo R. ***Justiça e Ação no Pensamento Nietzschiano.*** Tese de mestrado, PUC/SP, 2002).

O marco da modernidade para Nietzsche se configura na moral do cristianismo e na moral do socratismo. Ambas baseiam-se no advento da noção de indivíduo, pensado por Sócrates como expressão da felicidade e, no caso da moral cristã, como a preocupação do cristão em buscar a sua própria salvação[37]. O cristianismo é o "platonismo para o povo" (BM, prólogo, § 5). Com a modernidade o homem se distancia da tradição, da cidade.

> Todas essas morais que se dirigem à pessoa individual, para promover sua "felicidade", como se diz - que são elas, senão propostas de conduta, conforme o grau de *periculosidade* em que a pessoa vive consigo mesma; receitas contra suas paixões, suas inclinações boas e más [...] - todas elas barrocas e irracionais na forma - porque se dirigem a "todos", porque generalizam onde não pode ser generalizado. (BM, § 198)

O *pathos* da distância que existia na antiguidade, onde os homens eram substancialmente diferentes hierarquicamente, passa a ser um *pathos* da igualdade na modernidade. Tal igualdade possui origem teológica. Essa igualdade de todos perante o advento de um *Deus* cristão acompanha o pensamento dos ideais modernos quando se estende para a instância política da igualdade de todos perante a lei.

Com a inversão dos valores promovida pela moral do cristianismo, ocorreu o cultivo da dominação das vontades, tornando a consciência moral uma conseqüência do ressentimento. Configurando-se como uma moral própria de homens ressentidos, o cristianismo constitui assim uma rebelião escrava da moral, que com a inversão dos valores pretende docilizar o homem:

> [...] Isso é o que tiveram de fazer! E destroçar os fortes, debilitar as grandes esperanças, tornar suspeita a felicidade da beleza, dobrar tudo que era altivo, viril, conquistador, dominador, todos os instintos próprios do mais elevado e mais bem logrado tipo "homem", transformando-os em incerteza, tormento de consciência, autodestruição; mais ainda, converter todo amor às coisas terrenas e ao domínio sobre a terra em ódio a tudo terreno - *esta* foi a tarefa que a Igreja se impôs e teve que se impor, até que, em sua estimativa, "extramundano", "des-sensual" e "homem superior" se fundiram *num* só sentimento. (BM, § 62) (Grifos meus)

O que é democracia.

A palavra *democracia* quer dizer governo do povo, doutrina ou regime político baseado nos princípios da soberania popular e da distribuição eqüitativa do poder. Etimologicamente *demos,* quer dizer *povo, corpo de cidadãos,* e o sufixo *cracia* oriunda de *kratos* que significa poder. No regime democrático a classe que luta pelo poder obedece às regras que foram escolhidas pelo povo.

[37] Também constitui uma exceção, todo *cristão*, que acima de qualquer coisa cuida de *sua própria salvação* (A, § 9 e HHI, §§ 27 e 117).

Nas palavras de Bobbio democracia é um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar decisões coletivas e com quais procedimentos[38]. Goyard também define a democracia como forma de um regime que, fundando a autoridade do governo no povo, garante a presença dos governados ao exercício do poder[39].

> Essa circunstância faz com que se considerem como verdadeiros princípios da democracia a soberania popular e a participação (direta ou indireta) do povo nas tomadas de decisões. Pelo primeiro princípio evidencia-se a fonte detentora do poder, única e indelegável. Pelo segundo princípio a participação popular destaca-se como meio de assegurar que a própria vontade popular esteja positivada no ordenamento jurídico-político da sociedade[40].

Os ideais da Revolução Francesa se baseiam nos fundamentos da democracia grega. Com o objetivo de descentralizar o poder despótico e enfraquecê-lo, a democracia tinha por função separar poder econômico, militar e religioso da autoridade política. Antes disso todas as deliberações ou decisões eram fundamentalmente secretas, produto da vontade de um ou de alguns poucos, o que caracterizava o poder tirânico.

O déspota era o senhor arbitrário absoluto, figura onde se concentravam o chefe de família, o poder militar e o sacerdote religioso. Ele era aquele que tinha o poder e o direito de deixar viver ou fazer morrer. Acreditava-se que origem desse poder era divina, que ele era a personificação do soberano, e sua autoridade e domínio eram concedidos pelos deuses[41]. O que os gregos fizeram foi desconcentrar a autoridade do déspota e criar o *poder político.*

A concepção democrática surgida na Grécia Antiga durou até aproximadamente o século IV A.C. Foram os atenienses os que primeiro pensaram noções de participação ativa nas deliberações do Estado, colocando em prática seu ideal democrático em dois tipos de assembléia: *boulé*, para a qual eram escolhidos por sorteio quinhentos cidadãos; e a *eckesia*¸ onde todo cidadão tinha o direito de opinar e participar dos negócios do Estado.

O público não era secreto, porque pertencia a todos. Ele pressupõe a palavra pública e dialógica, de conversação, discussão, troca de idéias, opiniões e conceitos com vistas à harmonia para solução de problemas. Nisto pode-se comprovar o afastamento do poder déspota: a lei agora é expressão da vontade da maioria *versus* expressão do poder de um único, e seu respeito é condição da vida civilizada.

---

[38] Cf. BOBBIO, Norberto. ***O futuro da democracia.*** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987, p. 18.
[39] Cf. GOYARD-FABRE, Simone. ***O que é democracia? A genealogia filosófica de uma grande aventura humana***. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Tradução: Cláudia Berlinger, p 13.
[40] Cf. ALBUQUERQUE, Paulo Menezes de; MOREIRA, Márcio Alan Menezes. "**A Democracia no Estado Moderno: entre ambivalência e participação**". *Pensar*, Fortaleza, v. 10, n. 10, p. 82-89, fev. 2005; p. 85.
[41] Cf. RENAUT, A. ***O fim da autoridade***. Lisboa: Instituto Piaget, 2004 (Coleção Epistemologia e Sociedade). Tradução: Felipe Duarte, p. 37.

> A democracia na Grécia do Século IV a.C, notadamente em Atenas, orientava-se basicamente por três premissas: a igualdade, a liberdade e o respeito pela lei. A todos do povo - conceito assaz restrito, como adiante será visto - era lícito participar dos assuntos de interesse da coletividade. Aliás, não apenas lícito, mas verdadeiramente necessário.[42]

Com a instituição dos princípios democráticos na Grécia, o poder *público* foi gerado. Os três princípios que fundamentam a democracia são a constitucionalidade, a cidadania e a legitimidade. A constitucionalidade presume regulamentos e instituições que disciplinam e materializam os princípios democráticos. A *polis* grega só pode ser considerada uma comunidade política se for organizada, ordenada e governada por uma lei. Sem a constituição os agrupamentos não são políticos, pois a cidade-estado nela se baseia.

A cidadania é o segundo principio democrático. A partir dela são apontados os participantes efetivos da vida política, que são distintamente os sujeitos definidos pelos critérios de idade, gênero, liberdade e autoctonia. Esse princípio permite ao cidadão ser autônomo e dar a si mesmo a lei que deve obedecer. Os deveres e direitos dos cidadãos constituíam os elementos do espaço público e político[43], onde as tomadas de decisão e a elaboração das leis envolviam a participação de todos, considerando o melhor argumento.

Em última instância têm-se ainda o fundamento da legalidade que institui as regras e normas como formas de expressão de um trabalho coletivo de discussão e deliberação públicas. O respeito à lei é condição para um regime democrático, a idéia de sua prática enquanto forma de vontade coletiva, institui o poder impessoal e a autoridade civil, neutralizando as características do poder centralizado no soberano e conferindo àqueles que sem necessidade de violentar os corpos a ordem enraizada na obediência à lei.

> Liberdade e igualdade, portanto, estavam umbilicalmente ligadas, somente sendo possível o exercício de uma porque se assegurava, também, a outra. Isso porque realmente não há como "governar e ser governado" se não houver igualdade na participação das deliberações relativas aos assuntos da *polis*[44].

Após dois séculos de auge da democracia grega ocorre o domínio romano e surge a República, seguida do Império. A democracia fica esquecida durante séculos, ressurgindo mais tarde com a proposta do liberalismo político em meados do século XVIII, inspirada nos ideais do Iluminismo. A expansão dos ideais modernos proporcionou movimentos revolucionários nos Estados Unidos em 1776 e na França em 1789.

---

[42] Cf. SEGUNDO, Hugo de Brito Machado. ***Notas sobre democracia, liberdade e igualdade***. Monografia. Fortaleza, 2007; p. 7.
[43] Cf. ARISTÓTELES. ***A Política.*** Trad. Mário da Gama Kury. 3ª Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
[44] Cf. COMPARATO, Fábio Konder. ***Ética***. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 473 *apud* SEGUNDO, Hugo de Brito Machado. ***Notas sobre democracia, liberdade e igualdade***. Monografia. Fortaleza, 2007; p. 8.

Durante a Idade Média, fase que abriga os séculos de V a XV, findada com a queda de Constantinopla, o poder esteve restrito ao alto clero e à nobreza. O final deste período, considerado "das trevas" para a humanidade, é marcado por uma série de acontecimentos como a Reforma Protestante e as guerras religiosas, o desaparecimento dos feudos, as lutas pela dissolução das monarquias absolutas e o surgimento da burguesia.

Nesse contexto, a Revolução Francesa foi considerada um dos principais fatos ocorridos entre o período medieval e a modernidade. Impulsionando uma série de lutas que duraram mais de dez anos (indo de 05/05/1789 até 09/11/1799), e influenciada pelo Iluminismo, uma de suas propostas consistia na secularização e laicização do Estado - separação da Igreja - marcando a passagem de uma cultura teocêntrica para antropocêntrica.

O regime democrático moderno tornou abstrato o conceito de igualdade e cidadania, pensando poder suprimir as vontades particulares expandido-as à vontade geral. Todavia o indivíduo nunca se preencheria completamente no cidadão. Pela denominação do "tu deves" sobre o "eu quero" Nietzsche considera que o movimento democrático é herdeiro do movimento cristão (BM, § 202).

A proposta do Estado Liberal também era a limitação do poder do soberano absolutista, estabelecendo um Estado mínimo, de neutralidade ideológica, tolerante e laico. O governo, para garantir os direitos de liberdade e igualdade a todos (lema da Revolução de 1789), teve de abstrair toda e qualquer diferença e criar um sentido único de sujeito para a modernidade. Este é o conceito que está personificado na noção de cidadania.

Na Grécia Antiga ainda não havia uma idéia de "indivíduo". As noções de "indivíduo" e "sociedade" em face do "Estado" só surgiram na idade moderna[45]. O cidadão ateniense possuía direitos e obrigações, mas estes direitos não eram atributos de indivíduos privados e estas obrigações não eram forçadas por um Estado dedicado à manutenção de uma estrutura que visava proteger os fins privados de certos indivíduos[46].

A obrigação que se impõe ao Estado moderno é justamente garantir e proteger os direitos que fazem com que os cidadãos sejam seres livres, ou seja, a modernidade política democrática comporta-se naturalmente como igualizadora de todos os indivíduos por meio da abstração na reformulação do conceito de cidadania. O mundo moderno é, por esse motivo, o que Nietzsche denomina de apequenado por ser essencialmente equalizador.

---

[45] Vale ressaltar que essa noção de "indivíduo" e "idade moderna" refere-se ao período histórico, enquanto que para Nietzsche a subjetividade surge com o indivíduo em oposição à coletividade (ver p. 13).

[46] Cf. SEGUNDO, Hugo de Brito Machado. ***Notas sobre democracia, liberdade e igualdade***. Monografia. Fortaleza, 2007; p. 7.

> Reside aí o próprio princípio da democracia: que o poder não pertence a ninguém, que nenhum poder é atribuído a quem quer que seja por natureza ou herança, mas que, segundo a forte expressão de Claude Lefort, << o lugar do poder está vazio >> [47].

A intenção do regime democrático é o governo de um povo soberano que se sinta seguro e livre por ser o único e legítimo detentor real de autoridade garantido com a constituição de um governo a quem coubesse administrar com base na vontade do povo e no exercício do interesse político comum a todos. No registro dos valores constituintes da modernidade tal forma de política baseia-se nesse contrato entre as pessoas envolvidas.

A crítica nietzschiana aos ideais modernos e à Revolução Francesa, em continuidade a inversão de valores que o cristianismo operou, afirma que a mesma é uma farsa, uma idéia astuta e enganosa, para manter o domínio dos fracos sobre os fortes. Toda a filosofia de Nietzsche incide sobre a política, a moral e a religião, pois em seu pensamento esses elementos estão relacionados por estarem pautados em valores[48].

Democratização da Cultura: apequenamento do homem moderno.

> Chamemos esse período de período *pré-moral* da humanidade: o imperativo "conhece-te a ti mesmo!" ainda não era conhecido. Nos últimos dez milênios, contudo, em largas regiões da terra chegou-se gradualmente ao ponto em que é a origem da ação, e não mais as conseqüências, que determina o seu valor: um grande acontecimento no seu todo, um considerável refinamento do olhar e da medida, a repercussão inconsciente do predomínio de valores aristocráticos e da crença na "origem", a marca de um período que se pode denominar *moral* no senso estrito: como fez-se a primeira tentativa de autoconhecimento. (BM, § 32)

Quando no mundo moderno os valores cristãos migram para a moral e a política, eles geram a democratização da cultura. Nietzsche afirma que o homem moderno não poder mais viver sem a lógica de querer ser igual a si mesmo sendo cada vez mais igual aos outros constitui um falso juízo, uma falsa idéia oriunda do valor de igualdade do cristianismo (BM, § 4). A meta ou tarefa nietzschiana[49] é transportar o homem soberano para além da moral, ensinando-o a seguir sua própria vontade.

> Mas nós, que não somos jesuítas, nem democratas, nem mesmo alemães o bastante, nós, *bons europeus* e espíritos livres, *muito* livres, nós ainda as temos, toda a necessidade do espírito e toda a tensão do seu arco! E talvez também a seta, a tarefa, e quem sabe? A *meta*... (BM, prólogo, § 5)

---

[47] Cf. RENAUT, A. ***O fim da autoridade***. Lisboa: Instituto Piaget, 2004 (Coleção Epistemologia e Sociedade). Tradução: Felipe Duarte, p. 41.

[48] Cf. MARTON, Scarlett. "**Nietzsche e a Revolução Francesa**" in: *Extravagâncias - ensaios sobre a filosofia de Nietzsche.* São Paulo: Discurso Editorial e Editora UNIJUÍ, 2000.

[49] Essa tarefa corresponde à formação do espírito livre (HHI, prólogo, § 7).

Para Nietzsche, é precisamente a Revolução Francesa que está na origem da difusão das idéias modernas [50]. Nela tem início a civilização que, com a interiorização dos conceitos de bom e mau, forma um homem para "*não mais pensar em si*", procura "*adequar* o indivíduo às necessidades gerais" da sociedade, afirmando que *a felicidade e ao mesmo tempo o sacrifício do indivíduo* está nele (no indivíduo) sentir-se um membro útil e um instrumento do todo (A, §§ 132 e 133).

> A *degeneração global do homem,* descendo ao que os boçais socialistas vêem hoje como o seu "homem do futuro" - como o seu ideal! -, <u>essa degeneração e diminuição do homem</u>; até tornar-se o perfeito animal de rebanho (ou, como dizem eles, o homem da sociedade "livre"), <u>essa animalização do homem em bicho-anão</u> de direitos e exigências iguais é *possível,* não há dúvida! (BM, §203) (Grifos meus)

A herança desse rebaixamento tem origem na moral cristã. Na concepção nietzschiana a Revolução Francesa apresenta papel fundamental na expansão das "idéias modernas", sendo a última rebelião dos escravos, dando continuidade aos valores morais do cristianismo em contradição ao que pensaram os iluministas. O filósofo declara que em relação precisamente ao homem das "idéias modernas", as expressões "rebanho", "instintos de rebanho" e outras semelhantes lhe são próprias (GC, § 116).

> Chegou-se ao ponto de encontrarmos até mesmo nas instituições políticas e sociais uma expressão cada vez mais visível dessa moral: <u>o movimento *democrático* constitui a herança do movimento cristão</u>. (BM, § 202) (Grifos meus)

Sob a perspectiva nietzschiana aqueles que possuem outra fé diferente daquela da compaixão consideram o movimento democrático não apenas uma forma de decadência das organizações políticas, mas uma "forma de <u>decadência ou diminuição do homem</u>, <u>sua mediocrização e rebaixamento de valor</u>" (BM, § 203) (Grifos meus).

A semelhança encontrada por Nietzsche entre a moral cristã e os ideais liberais modernos está pautada no sentido de igualdade apregoado pelo cristianismo e reproduzido pelo regime democrático e pelos valores da modernidade que dita que todo ser humano deve ser tratado como um semelhante e como um igual:

> Um tal *a priori* faz do outro, quaisquer que sejam a sua natureza e a amplitude da sua alteridade (social, cultura, genérica), <u>um *alter ego*</u>, <u>um</u> << <u>outro eu</u> >>, <u>um</u> << <u>semelhante</u> >>. Esta percepção do outro como um << mesmo>> é hoje em dia um elemento da nossa pré-compreensão do mundo humano[51]. (Grifos meus)

---

[50] Para Nietzsche o "socialismo", a "democracia" e a "igualdade" (ingredientes que compõe o ideário de homem "culto" da sua época) são elementos que tem no ano de 1789 a sua popularização (Cf. MELO, Eduardo Resende. ***Justiça e Ação no Pensamento Nietzschiano.*** Tese de mestrado, PUC/SP, 2002) e Cf. MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. "**Nietzsche e a Revolução**". *Gaia - uma revista para todos e para ninguém*. Setembro/dezembro 1989, ano I, nº 2, São Paulo.

[51] Cf. RENAUT, A. ***O fim da autoridade***. Lisboa: Instituto Piaget, 2004 (Coleção Epistemologia e Sociedade). Tradução: Felipe Duarte, p. 25.

Ainda sobre as bases do reconhecimento da igualdade, Renaut afirma que esse acontecimento (retorno da noção democrática na política reerguida com a ascensão do liberalismo moderno) provocou a abstração de todos os parâmetros que diferenciam os seres humanos (classe social, gênero ou etnia) para que, igualizados, estivesse sobre eles a condição de que todos são portadores dos mesmos direitos.

A moda moral que se estabelece com a modernidade, devido a esse reforço dos ideais liberais para todos os indivíduos ("*Liberté, Egalité, Fraternité*": frase de autoria de Jean-Nicolas Pache), possui como fundamento atitudes simpáticas. Tais ações ditas desinteressadas constituem para Nietzsche exemplo de utilidade social e não necessariamente sinal de piedade, justiça ou compaixão.

> Jamais um homem fez algo apenas para outros sem qualquer motivo pessoal; e como *poderia* mesmo fazer algo que fosse sem referência a ele, ou seja, sem uma necessidade interna (que sempre teria seu fundamento uma necessidade pessoal)? Como poderia o *ego* agir sem *ego*? (HHI, § 133)

Na concepção nietzschiana os atos humanos podem ter motivos diversos (HHI, § 58). A moral do homem maduro age em conformidade e consideração à utilidade geral. Na consideração mais *pessoal* possível se acha também a maior utilidade para o conjunto, trata-se apenas de saber o que se entende por *vantagem própria* (HHI, § 95).

A inversão de valores morais traveste a impotência do ressentido em bondade, a baixeza temerosa em humildade, a submissão aos que odeia em obediência, a covardia em paciência, o não poder vingar-se em não querer vingar-se e até perdoar e procura transformar a força em fraqueza e vice-versa, promovendo um ideal de negação e oposição.

> Contrapondo o comportamento da aristocracia guerreira ao da classe sacerdotal, faz ver as mudanças por ele sofridas. Enquanto valor aristocrático, "bom" identificava-se a nobre, belo, feliz; tornando-se valor religioso, passa a equivaler a pobre, miserável, impotente, sofredor, piedoso, necessitado, enfermo. Assim a transformação dos valores foi fruto do ressentimento de homens fracos, que, não podendo lutar contra os mais fortes, deles tentaram vingar-se através desse artifício[52].

Ao analisar as idéias modernas, Nietzsche ataca a moral das massas, denunciando o processo de continuidade que a Revolução Francesa contém. Para ele, o cristianismo mais uma vez alcança vitória com a Revolução. Sua opinião é que o ideário cristão e a moral dos escravos consolidaram em 1789 o último eco do cristianismo na moral: a individualidade como "instinto do rebanho" que prevaleceu mais uma vez[53].

---

[52] Cf. MARTON, Scarlett. "**Nietzsche e a Revolução Francesa**" in: *Extravagâncias - ensaios sobre a filosofia de Nietzsche***.** São Paulo: Discurso Editorial e Editora UNIJUÍ, 2000; p. 152.

[53] Cf. MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. "**Nietzsche e a Revolução**". *Gaia - uma revista para todos e para ninguém*. Setembro/dezembro 1989, ano I, nº 2, São Paulo.

Nietzsche entende a Revolução Francesa como "filha" do cristianismo, porque apesar de ter surgido como proposta de ruptura continuou-se preservando valores cristãos[54]. O filósofo possui um posicionamento crítico com relação a cada um dos ideais inaugurados com as idéias modernas. Enfatiza que a cada um deles se constitui em uma farsa, a partir do momento que condicionam o homem à nova organização social moderna.

> *O ceticismo moral no cristianismo* - Também o cristianismo deu uma grande contribuição ao Iluminismo: ele ensinou de forma penetrante e eficaz o ceticismo moral: acusando, amargurando, mas com infatigável paciência e sutileza; ele aniquilou em cada ser humano a crença em suas "virtudes" [...] (GC, § 122)

A questão da liberdade não seria para a abordagem nietzschiana em momento algum o livre arbítrio que garante ao cidadão ser responsável por suas decisões. O indivíduo moderno só tem garantia da sua aceitação social caso escolha se sujeitar às convenções, do contrário será submetido a uma sanção em conseqüência ao ato cometido[55]. Do ponto de vista de Nietzsche as instituições liberais minam a vontade de poder, triunfam com a moral do rebanho e se constituem como os elementos mais danificadores da liberdade. O "animal de rebanho" é alguém preparado apenas para obedecer[56].

A igualdade também é desmascarada por Nietzsche enquanto ideal que só funciona para manter as relações de força, sendo os direitos medidos como "graus de poder". O filósofo declara que a questão da igualdade corresponde, na sociedade moderna, à própria manutenção da cultura e da civilização. Os ideais da modernidade dizem respeito a "maneiras de agir e pensar universalmente válidas", eles censuram a originalidade e fortalecem a idéia do igual entre iguais, formando um tipo homem apequenado. É preciso que cada um agora renuncie a sua "individualidade" e se torne "cidadão" [57].

> Para Nietzsche, a Revolução Francesa não foi responsável apenas pela difusão de seu ideário mais conhecido, ela não se limitou a divulgar a "liberdade", a "igualdade" e a

[54] Para Nietzsche, o traço essencial do "animal de rebanho" estará justamente no seu *igualitarismo*. A igualdade entre os homens - garante ele - é uma interpretação metafísica, oriunda do cristianismo. Por isso a Revolução Francesa, com as teorias de igualdade política - porque repousa na idéia cristã de que os homens são todos iguais, será o protótipo e o fundamento que fará prolongar o cristianismo (Cf. MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. "**Nietzsche e a Revolução**". *Gaia - uma revista para todos e para ninguém*. Setembro/dezembro 1989, ano I, nº 2, São Paulo).

[55] Foi Rousseau que pensou na renúncia como condição essencial para o bom funcionamento da cidade. Esta renúncia seria necessária para a absorção das "vontades particulares" pela "vontade geral". (Cf. MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. "**Nietzsche e a Revolução**". *Gaia - uma revista para todos e para ninguém*. Setembro/dezembro 1989, ano I, nº 2, São Paulo).

[56] Cf. MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. "**Nietzsche e a Revolução**". *Gaia - uma revista para todos e para ninguém*. Setembro/dezembro 1989, ano I, nº 2, São Paulo.

[57] Cf. MARTON, Scarlett. "**Nietzsche e a Revolução Francesa**" in: *Extravagâncias - ensaios sobre a filosofia de Nietzsche.* São Paulo: Discurso Editorial e Editora UNIJUÍ, 2000; p. 149.

> "justiça" enquanto ideais. O que se espera da nova revolução não é apenas uma outra organização social e política. O que se espera dela, não é nada mais, nada menos, que uma nova *humanidade*[58].

Desse modo, ao animal de rebanho só é possível que construa uma sociedade baseada na "vitória de cada um sobre si mesmo", com resignação das suas próprias vontades e exaltação do pensamento voltado para o que é comum. A fraternidade em vistas disso é apontada por Nietzsche como idéia falaciosa de altruísmo que se relaciona na verdade com um interesse utilitário da moral. Seu objetivo é tão mais expressar ressentimento.

Os velhos valores retornam: o que se pensou ser revolucionário nada mais é do que o legítimo sucessor do sacerdote asceta[59]. O homem bom se torna o ponto de convergência dos cristãos, democratas e socialistas: o indivíduo piedoso, altruísta e virtuoso por servir ao todo, alguém inteiramente domesticado. A construção dessa nova humanidade pautada nos valores modernos constitui-se também enquanto questão política.

Por esse motivo é preciso, seguindo o pensamento nietzschiano, combater os ideais políticos que asseguram uma sociedade politicamente organizada com base nos valores democráticos. Na opinião do filósofo tais valores minam a cultura autêntica do homem, tornando-o um seguidor de princípios pseudo-libertários que só têm por objetivo a produção de uma humanidade dócil e controlada.

Aos olhos nietzschianos, a liberdade que os modernos defendem é a nivelação gregária, a igualdade que pleiteiam é a exclusão das exceções, a fraternidade que anunciam é fruto do ressentimento[60]. Para ele a Revolução Francesa é uma forma de manter em produção um tipo de homem logrado pela moral cristã com a inversão dos valores. Ao homem apequenado moderno não cabe nem reagir, senão ser regulado pela má consciência[61].

Quando o regime democrático assume sua ascensão no domínio política e suas formas de conceber o homem são expandidas para demais esferas da cultura, tem-se consumado o projeto do cristianismo. Consagrado com o advento do ideal ascético, o controle e a domesticação passam a agir no âmbito da cultura para que todos tenham os mesmo direitos e obrigações sendo tornados seguidores irreflexivos da moral internalizada.

---

[58] Cf. MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. "**Nietzsche e a Revolução**". *Gaia - uma revista para todos e para ninguém*. Setembro/dezembro 1989, ano I, nº 2, São Paulo.
[59] Cf. MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. "**Nietzsche e a Revolução**". *Gaia - uma revista para todos e para ninguém*. Setembro/dezembro 1989, ano I, nº 2, São Paulo.
[60] Cf. MARTON, Scarlett. "**Nietzsche e a Revolução Francesa**" in: *Extravagâncias - ensaios sobre a filosofia de Nietzsche.* São Paulo: Discurso Editorial e Editora UNIJUÍ, 2000; p. 151.
[61] A sociedade moderna, baseada na moral cristã procura instar no indivíduo uma *regularidade* (HHI, § 111).

Crítica nietzschiana à formação de um homem medíocre.

Uma vez abolidas as hierarquias naturais, uma vez vencedora a interpretação cristã do mundo, uma vez concedido o poder àquele a quem o povo elege para representá-lo; as instituições políticas modernas assumem um papel terapêutico de estratégias de formação de um homem bom, a promoção do melhoramento do homem, o que significará uma neutralização de sua vontade de poder em beneficio da obediência[62].

Esse condicionamento imposto pela moral - visto por Nietzsche como prejudicial ao homem - confere ao filósofo o título de radical adversário da modernidade, da democracia liberal, do socialismo. Ele possui uma postura "antimoderna" avessa ao amesquinhamento da figura ou tipo homem (apequenamento do homem) e apresenta como proposta a superação dos valores superiores da cultura ocidental[63].

Giacóia analisa o pensamento filosófico e político nietzschiano e descreve Nietzsche como um filósofo cuja postura configura-se como oposta ao liberalismo democrático burguês, que renega e combate todos os valores morais da cultura do cristianismo e da modernidade, sobretudo aqueles da burguesia liberal, da democracia, e do socialismo-comunismo da liberdade, igualdade e fraternidade[64].

Nietzsche enquanto antidemocrático e antiliberal é descrito no texto de Giacóia como um filósofo que possui uma abordagem antiteorética e antiintelectualista porque sua proposta consiste no gesto de ir além dos valores do mundo ocidental cristão em um movimento de transvaloração de todos os valores. Sua tentativa é fazer com que os conceitos conduzidos pela moral cristã e moderna possam ser superados dando abertura a uma nova cultura[65].

Contra a expansão do liberalismo em vistas de ser a causa da debilidade da sociedade européia, o filósofo critica os valores do mundo ocidental enaltecidos pelo cristianismo como o sentimento de igualdade e o ideal asceta. Sendo um repúdio a satisfação dos prazeres da vida, esses valores conduzem a noções que têm como objetivo docilizar e reprimir a vontade do indivíduo e a vontade do corpo.

A finalidade do ascetismo é mortificar os desejos da carne, afastando e rejeitando os instintos e anulando a vontade para que a espiritualização seja cultivada, o ideal ascético

[62] É desta forma que a civilização moderna instala o comando de seus ideais: ao lado da má consciência (Cf. MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. "**Nietzsche e a Revolução**" in: *Gaia - uma revista para todos e para ninguém*. Setembro/dezembro 1989, ano I, nº 2, São Paulo).
[63] Cf. GIACOIA JR., Oswaldo. "**A Crítica da Moral como Política em Nietzsche**". *Humanas*, Londrina, v. 1, n. 2, p. 145-168, 1999.
[64] Cf. GIACOIA JR., Oswaldo. "**A Crítica da Moral como Política em Nietzsche**". *Humanas*, Londrina, v. 1, n. 2, p. 145-168, 1999.
[65] Cf. MELO, Eduardo R. ***Justiça e Ação no Pensamento Nietzschiano.*** Tese de mestrado, PUC/SP, 2002.

constitui-se assim no mecanismo de repressão à vontade de poder. Aplicada em negação aos desejos e paixões, essa prática sacerdotal internalizada no homem pela via da má consciência visa o aperfeiçoamento da condição humana para controle dos impulsos e, conseqüentemente é tida como proporcionadora de um avanço para a civilização e a sociedade.

Essa adaptação ao mundo social civilizado é decorrente do fato do corpo estar aprisionado, seus desejos e paixões outrora externalizados precisam ser contidos e estar submissos às condições que a sociedade moderna o impõe. Como foi visto anteriormente essa entrada do ser humano no contexto socializado pressupõe a formação da consciência moral. Sobre o corpo estão os conflitos, nele se exprimem os instintos, ele é a superfície de inscrição dos acontecimentos[66].

O papel da domesticação humana é o exercício de convencimento da existência do pecado, para que toda a natureza terrena se torne repugnante e repulsiva ao homem[67]. Nesta medida, com uma sociedade cada vez mais mantida sob controle seja pelos valores da religião, seja pela tentativa da lei de conduzir o homem à normalização, a política encontra lugar para produção de uma filosofia da igualdade em que os atos humanos são avaliados e as condições de cada homem na sociedade tornam-se as mesmas[68].

O homem gregário, na opinião de Nietzsche, torna-se acostumado com a vida social e preguiçoso diante dos costumes e convenções impressas do mundo externo nele. Regulado e temeroso, ele prefere deve obediência e respeito à tradição constituindo assim mais um "no rebanho", "nas massas" formadas e conduzidas pela cultura e pelas regras morais. Esse tipo de homem democrático, igualizado e comparável corresponde à formação do ser apequenado. O apequenamento do homem moderno parte do comodismo social e moral.

Desta forma, para Nietzsche, o apequenamento do homem na modernidade acontece quando este já possui enraizados os valores do cristianismo. Em vistas de serem os princípios da moral cristã aqueles que visam o sentimento de culpa e a produção da má consciência, o

[66] A genealogia, como análise da proveniência, está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo. (Cf. FOUCAULT, M. "**Nietzsche, A Genealogia e a História**" in: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Organização e Tradução: Roberto Machado, p. 22)

[67] A moral cristã considera o homem como uma "má natureza", de modo que necessite de uma moral de afastamento daquilo que humano. De uma vez por todas se renunciou a própria vontade, a partir da negação do asceta. Para Nietzsche o pecado e a necessidade de redenção são aberrações de raciocínio e imaginação, o desafio a si mesmo é colocado tanto no mundo físico quando no mundo moral (HHI, §§§ 135, 137 e 139).

[68] Tal noção passa a expressar algo próprio do homem: *mensch*, que em alemão significa aquele que valora, animal que mede, "o animal avaliador"; onde se cultivou a mais velha perspicácia, onde se situou o primeiro impulso do orgulho humano, seu sentimento de primazia diante dos outros animais. (GM, II, § 8)

filósofo vê o aprisionamento do homem a normas e regras sociais como causa de sua mediocrização. A racionalização, emergente dos ideais modernos, promove o sucateamento humano[69].

Decorrente da idéia da má consciência como medida e parâmetro que permeia as ações humanas têm-se a concepção nietzschiana sobre a imposição de uma nova justiça, que se configura como um ato que tem por intenção fazer com que os homens se entendam mediante valores e preços de um contrato pré-estabelecido. A anulação da imposição do castigo e da prática da vingança - outrora de domínio do credor - constitui um homem livre da animalidade e barbárie, regulado pela piedade e compaixão, voltado para a civilidade.

Nova concepção de justiça na modernidade.

O sentimento de justiça possui no decorrer da história, três momentos distintos: a animalidade, a civilização e a consciência ou psiquismo. A primeira noção era a da vingança do homem pré-moderno. Posteriormente, foi instituído o castigo como monopólio legal de violência, a relação imposta pelo Estado Absoluto era superior em si mesma, não havia sentimento de culpa nem remorso. Assim, a vontade de poder do soberano era livre, dando vazão às emoções e paixões internas e à violência para moldar um homem conforme.

A noção de justiça para o homem moderno sofre alterações na medida em que sua apreensão dos valores e princípios decorrentes da moral da compaixão se fortalece. Quando o processo de ajustamento social passa a ser dirigido e concebido como um exercício do Estado, o homem, condicionado e regulado por leis internas de autocontrole, passa a ser responsabilizado pelos seus atos.

Diferente da concepção de justiça do homem da pré-história, ao homem moderno é dada a noção de remorso, pois ele não suporta o "erro". Os instintos não reprimidos na pré-história eram manifestações livres da vontade e por isso motivos festivos não de negação, mas de comemoração, eles constituíam o sentido que os povos antigos davam à vida. A decadência da vida humana ocorre para Nietzsche em decorrência da modernidade[70].

Com o advento do castigo, a justiça era imposta por intermédio da conquista e da violência por interesse em criar homens obedientes[71]. Tal noção fora internalizada pela ação da má consciência e possui a inevitável tendência de impedir o desenvolvimento de uma

[69] Cf. GIACOIA JR., Oswaldo. "**A Crítica da Moral como Política em Nietzsche**". *Humanas*, Londrina, v. 1, n. 2, p. 145-168, 1999.
[70] Cf. GIACOIA JR., Oswaldo. "**A Crítica da Moral como Política em Nietzsche**". *Humanas*, Londrina, v. 1, n. 2, p. 145-168, 1999.
[71] O que em geral se consegue com o castigo, em homens e animais, é o acréscimo do medo, a intensificação da prudência, o controle dos desejos: assim o castigo *doma* o homem (GM, II, § 15).

cultura livre, de um tipo de homem livre. A alma torna-se aprisionada, constituindo o local onde a penalidade passa a incidir[72]. O regime democrático só é possível com a internalização da lei e a reflexão moral.

> Aqueles terríveis bastiões com que a organização do Estado se protegia dos velhos instintos de liberdade - os castigos, sobretudo, estão entre esses bastiões - fizeram com que todos aqueles instintos do homem selvagem, livre e errante se voltassem para trás, *contra o homem mesmo*. A hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição - tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: *esta* é a origem da má consciência. Esse homem que, por falta de inimigos e resistências exteriores, cerrado numa opressiva estreiteza e regularidade de costumes, impacientemente lacerou, persegui, corroeu, espicaçou, maltratou a si mesmo, esse animal que querem "amansar", que se fere nas barras da própria jaula, este ser carente, consumido pela nostalgia do ermo, que a si mesmo teve de converter em aventura, câmara de tortura, insegura e perigosa mata - esse tolo, esse prisioneiro presa da ânsia e do desespero tornou-se o inventor da "má consciência". Com ela, porém, foi introduzida a maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o sofrimento do homem *com o homem, consigo*: como resultado de uma violenta separação do seu passado animal, como que um salto e uma queda em novas situações e condições de existência, resultado de uma declaração de guerra aos velhos instintos nos quais até então se baseava sua força, seu prazer e o temor que inspirava. (GM, II, § 16)

Delimitar a origem do sentimento de justiça implica estipular um delito e definir uma pena para o indivíduo (HHI, § 92). Tal sistematização procura compreender a motivação e a personalidade patológica do indivíduo que deve ser reconduzido à normalidade. A sentença, pena ou castigo tem como objetivo requalificar o indivíduo descrito com traços psicológicos amorais ou imorais, autor de um crime sendo, portanto, um indivíduo perigoso.

A partir do momento que o Estado e o Direito se tornam detentores da prática de justiça anulando dos homens o sentimento nocivo de vingança que antes era praticada diretamente por aquele que sofria o dano - e ela se estabelece com negação interna, arrependimento e sentimento oriundo da teologia da compaixão (GM, II, § 17) - está internalizada a noção de igualdade, essencial para a civilização democrática[73].

A noção de igualdade surgida no regime democrático e em seguida estendido para outras esferas da sociedade com a democratização da cultura pressupõe um indivíduo acostumado às normas morais. Nesse sentido, encontra-se o apequenamento do homem, a formação de um indivíduo gregário e medíocre, tipo humano que Nietzsche abomina, contra o qual propõe um avanço para a criação de um homem livre.

[72] Essa violentação de si mesmo representa uma alma *voluntariamente* cindida, uma *ativa* má consciência, uma alma animal voltada contra si mesma, tomando partido contra si mesma (GM, II, §§ 16 e 18).
[73] Cf. MELO, Eduardo R. ***Justiça e Ação no Pensamento Nietzschiano.*** Tese de mestrado, PUC/SP, 2002.

À medida que uma comunidade se fortalece e sua organização interna torna-se cada vez mais complexa surge a necessidade de instrumentos que imponham os limites ao homem, impedindo-o de agir instintivamente. Deste modo, ressentir-se é matar dentro de si qualquer possibilidade de movimento ou atividade, devendo produzir o homem uma estratégia de negação e resignação típicas do ascetismo.

Esse condicionamento moral possui como meta final promover no homem uma educação e um hábito, uma domesticação dos instintos e das paixões, que visem determinar o indivíduo. Dessa maneira, guiado por uma forma homogênea de pensar e agir, do homem espera-se gestos contra sua vontade superior, em benefício de todos e não a favor de interesses particulares[74].

> Apenas isso, no momento, sobre a origem do "não-egoísmo" como valor *moral*, e para delimitação do terreno no qual ele cresceu: somente a má consciência, somente a vontade de maltratar-se fornece a condição primeira para o *valor* do não-egoísmo. (GM, II, § 18)

A nova concepção de justiça depende da capacidade que o homem irá desenvolver de honrar compromissos. Para que venha civilizar-se é necessário ao homem fazer promessas e estar condicionado à faculdade da memória, que anula o descumprimento típico do homem do esquecimento. O homem moderno encontra-se no meio do processo, nem está livre da memória e nem vive mais com seu próprio esquecimento: adestrou-se.

No mundo moderno a prática de julgar tornou-se o ato de qualificar um indivíduo, avaliando os próprios atos. A sentença implica uma apreciação da normalidade e uma prescrição técnica de uma normalização possível. A tipificação do crime valida também o criminoso, fixando o que é proibido ou não de acordo com a lei. A prática de punir torna-se disciplinadora sendo desta forma instrumento de anulação de toda diferença possível[75].

Desviando-se da linha de normalidade estabelecida, a consciência logo acusa o homem pelo "erro" cometido. O que antes era gravado por vias do castigo corpóreo, agora se impõe a mente humana como sentimentos de remorso e culpa em conseqüência da doença da entrada na civilização: a má consciência. Desenvolvida no processo de ressentimento psíquico, a moral moderna se torna seu valor, o homem mede-se pelas ações morais de simpatia pelo outro (A, § 174).

---

[74] "Bom" é aquele homem que pratica algo bom e útil para a sociedade; que age para um *bem supremo* (HHI, §§ 85 e 96).

[75] Cf. RENAUT, Alain. ***O Indivíduo - Reflexão acerca da filosofia do sujeito***. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998. Tradução: Elena Gaidano.

> Se havia então uma crítica do ato era a prudência que a exercia: inquestionavelmente se deve buscar o genuíno *efeito* do castigo, antes de tudo, nua intensificação da prudência, num alargamento da memória, numa vontade de passar a agir de maneira mais cauta, desconfiada e sigilosa, na percepção de ser demasiado fraco para muitas coisas, numa melhoria da faculdade de julgar a si próprio. (GM, II, § 15)

Essa capacidade de julgar a si mesmo e a seus atos a partir de um parâmetro social convencionado, que inicialmente foi formada com a imposição da prática dos castigos e mais tarde foi internalizada no homem pela noção de sentimento de culpa, refere-se a um ponto essencial no conceito de apequenamento do homem moderno, pois é nele que se inicia a recusa a pensar em si, a negação de si em prol da igualdade tornando o indivíduo da modernidade um espírito aprisionado em sua própria alma.

O homem moderno prefere seguir e de acomodar a convenção explicitada nas leis e normas, do que a noção de vida animalizada dos homens que não canalizavam seu sofrimento nem possuíam má consciência. Por isso a crítica nietzschiana incide não só sobre a religião, como ao aparato legal judiciário por tentar manter a regularidade humana, sua proposta de política não dispõe de fórmulas para regulação, controle e disciplinarização dos mecanismos sociais de dominação[76].

O principal objetivo da justiça na modernidade é enquadrar o homem nos padrões e regras morais de uma nova sociedade instituída com base no sentimento de igualdade, por meio de leis fixas que visualizam o estado de normalidade. Compreende-se assim a importância da má consciência e da formação do sentimento de culpa e remorso para a comunidade. Sem essa regulação interna, ao homem jamais seria possível conter-se em suas inflamações.

[76] Cf. GIACOIA JR., Oswaldo. "**A Crítica da Moral como Política em Nietzsche**". *Humanas*, Londrina, v. 1, n. 2, p. 145-168, 1999.

O ideal nietzschiano de homem: o aristocrático.

A crítica nietzschiana à democracia relaciona-se à anulação das diferenças que esse regime político pretende causar, alastrando o valor moral de igualdade (oriundo do conceito teológico de igualdade) para as demais instituições sociais. O filósofo considera o governo democrático fonte de apequenamento na medida em que propõe igualar o homem por meio do comprometimento moral e do comportamento previsível através da regularização e do controle dos instintos com a domesticação do aparelho psicológico humano[77].

Em vistas a tendência da modernidade, diretamente influenciada pelos ideais de "igualdade e justiça", de formar um tipo de homem apequenado e medíocre, Nietzsche surge com a proposta de uma sociedade constituída por homens com alma aristocrática. Essa elevação do tipo homem renovaria, para o filósofo, o *pathos* da distância entre a nobreza aristocrática de cultura superior com homens mais *completos*, dotados de natureza humana.

O homem aristocrático é aquele que se afasta dos seres onde se manifestem sentimentos contrários aos da alma elevada. Com uma definição própria para o que considera "bom" e "mau", esse indivíduo possui valorações morais aplicadas a ações, não é feito de compaixão e apresenta aversão à negação da vida (conseqüentemente é avesso à negação da vontade de poder) (BM, §§ 257 e 269). Para Nietzsche:

> Os homens de senso livre, que vivem apenas para o conhecimento, alcançarão logo o objetivo exterior de sua vida, sua posição definitiva ante a sociedade e o Estado [...] Em seu modo de viver há apenas um *heroísmo refinado*, que desdenha se oferecer à adoração das massas [...] (HHI, § 291)

O espírito aristocrático de Nietzsche deve ser entendido como a aguda consciência da impossibilidade de qualquer educação que passe pelo funcionamento homogêneo e homogeneizador de um sistema de massas[78]. A sua proposta, depois de apontadas as críticas que apresenta à democratização da cultura e ao conseqüente apequenamento do homem, configura-se no cultivo de tipo humano nobre, porque mais livre.

Para que se forneça um indivíduo diferente do soberano controlado e previsível será preciso repensar os fundamentos e a finalidade da educação. Nietzsche escreve sobre os estabelecimentos de ensino com a visão do que ele acreditar ser uma formação humana que favoreça e promova a produção de uma cultura verdadeiramente nobre e aristocrática, avessa às tendências do século XIX de uniformização e democratização.

---

[77] As instituições democráticas e a absoluta igualização da humanidade formam uma camisa de força social do "rebanho" (Cf. GIACOIA JR., Oswaldo. "**A Crítica da Moral como Política em Nietzsche**". *Humanas*, Londrina, v. 1, n. 2, p. 145-168, 1999).

[78] LARROSA, Jorge. ***Nietzsche & a Educação*.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga; p. 45. Em nota de esclarecimento o autor cita Nietzsche (HHI, § 291: *Cautela dos espíritos livres*).

O filósofo irá desenvolver uma nova concepção e um novo ideal de formação humana, com base na sua apreciação crítica de como é produzido o homem para a modernidade e para que se mantenha em seu apequenamento. Diferente da formação moral que se estabeleceu até então, oriunda da moral do cristianismo, da memória e da má consciência para docilizar os corpos, Nietzsche revoluciona propondo autonomia e originalidade.

III

A Educação como dispositivo mantenedor do apequenamento do homem

Tendo sido já traçados nos primeiro e segundo capítulos os caminhos da antropogênese até a modernidade, cabe compreender a crítica nietzschiana tecida a um dos instrumentos mantenedores da cultura do homem moderno: a educação. Apoiando-se nas *Considerações Extemporâneas* e nos fragmentos póstumos produzidos em sua juventude e nas obras nietzschianas escritas em outros períodos de seu pensamento filosófico, cabe apresentar seu posicionamento acerca do que compreende como formação do homem.

No seu período de maturidade intelectual, Nietzsche continuou elaborando sua crítica à cultura; à educação; aos principais estabelecimentos onde a prática da tarefa educativa se manifestava; às formas de ensino e ao papel desempenhado pelo educador. O filósofo proferiu uma série de conferências sobre esses temas, que culminaram em Zaratustra, escrito entre os anos de 1883 e 1885. Essa obra nietzschiana apresenta a elaboração de um ideal de educador para um novo tipo de homem[79].

A crítica nietzschiana com relação ao projeto educativo de sua época tem início quando ele se torna professor do Pädagogium[80] e da Universidade da Basiléia. A partir desse momento, o filósofo passa a se dedicar à análise dos problemas relacionados à educação com base na experiência concreta do ensino nos níveis secundário e superior. O primeiro diagnóstico de Nietzsche diz respeito à observação de uma cultura que valoriza a formação cientificista em detrimento de uma formação humanista.

Nietzsche, em sua reflexão sobre educação e cultura torna esses dois elementos sociais inseparáveis. Na visão do filósofo não pode existir educação sem uma cultura que a fundamente e muito menos cultura sem uma educação que a forneça e apóie. Tais aspectos partem de uma formação humana enquanto adestramento: para a existência de uma cultura é necessário que os indivíduos aprendam determinadas regras, adquiram hábitos e comecem a educar-se a si mesmos e contra si mesmos[81].

---

[79] Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação.* Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 31 e33.

[80] Nietzsche lecionava no Pädagogium porque era professor da Faculdade de Filosofia da Universidade da Basiléia. Pägagogium era como se denominava a escola secundária humanista ou o liceu clássico. (EH, Nota, p. 122).

[81] Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 17.

A opinião que Nietzsche emite sobre a educação existente em sua época trata a mesma como elemento conseqüente de uma cultura decadente[82]. Seu combate é contra a difusão desenfreada dos bens culturais, quando esta ocorre com a intencionalidade de satisfazer interesses imediatos. A postura nietzschiana não se enquadra na de defesa de uma cultura formal, que se limita a acumular dados e informações, ao contrário, Nietzsche opõe a erudição à vida[83] ao afirmar que a segunda deve ser reflexo da ação e da vontade.

Escritos de Nietzsche sobre educação e cultura.

As *Considerações Extemporâneas* são escritos essencialmente polêmicos produzidos na fase do primeiro momento de pensamento do filósofo. Ali, aparecem as críticas tecidas por ele a respeito da cultura, da ciência e da educação, contra os moldes estabelecidos na época, a favor de um novo ideal de cultura e, portanto de educação. Para Nietzsche, a cultura moderna estava barbarizada pelo sentido utilitário que essas três vertentes haviam assumido em decorrência da divisão social do trabalho (EH, CoExt, § 1).

Em 1872, Nietzsche profere cinco conferências *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*. No prefácio, o filósofo apresenta duas tendências opostas que predominam nesses estabelecimentos: a tendência de estender tanto quanto possível a cultura e a tendência de reduzi-la e enfraquecê-la. Na primeira proposta tem-se a tentativa de expandir a cultura a círculos cada vez mais amplos, enquanto que a segunda corresponde à exigência de que a cultura fique reduzida e submetida ao Estado (Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino, prefácio, p. 44).

As duas tendências relacionadas à cultura do século XIX retratam, para Nietzsche, formas de produção de uma *pseudocultura*, pois nenhuma se situa na proposta de formação de um tipo de homem autônomo e não gregário. Nessas conferências, o filósofo reconhece a cultura alemã enquanto decadente por conseqüência da mediocridade uniformizada demonstradas por meio do cientificismo histórico e do ensino da língua, nos quais a denúncia nietzschiana se debruça sobre o objeto educativo por privar as produções originais dos alunos e por transformar a aquisição do saber em um mero instrumento de luxo[84].

---

[82] Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação***.** Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 7 e 21.

[83] Cf. MARTON, Scarlet. "**Prefácio**" in: DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério).

[84] Nietzsche critica o saber como capital produtivo com o qual nada se tem a fazer. (Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 60)

A defesa nietzschiana se constrói na perspectiva de que saber muito e ter aprendido muito não se sustentam como signo de cultura, ao contrário, combinam perfeitamente com o contrário da cultura, a barbárie, ausência ou mistura caótica de todos os estilos (Co Ext I, § 1). A expectativa de Nietzsche nas suas *Considerações Extemporâneas* é que os jovens se sintam alertados com essa advertência acerca do projeto de ensino que lhes cerca, formando novos hábitos, abandonando sua primeira natureza[85].

O diagnóstico apresentado por Nietzsche sobre a formação ministrada no *Gymnasium* e na Universidade é que os dois promovem a inutilidade da autonomia dos jovens não possuindo condições de engendrar uma cultura verdadeira e autêntica, sendo dotados de erudição e tendenciando o ensino para os conhecimentos jornalísticos e da ciência na medida em que priorizam a educação formal garantida pela obediência e pelo hábito (Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino, II e III, p. 77 e 90).

Para Nietzsche não é a cultura de massa que deve ser cultivada, mas uma educação que possa selecionar indivíduos à realização de grandes obras, um ensino que priorize a formação da geração de construtores da cultura superior. Ele afirma que o Estado teme a natureza aristocrática para a formação de grandes indivíduos que contribuam com uma cultura elevada, por isso pretende sempre controlar todos os meios e estabelecimentos de difusão da mesma, dirigindo o espírito humano, mantendo a lei para que reine a paz.

"Uma história, um pensamento que não servem para engendrar vida e impor um novo sentido às coisas só podem ser úteis àqueles que querem manter a ordem estabelecida e o marasmo da vida cotidiana" [86]. A análise nietzschiana do objetivo da educação é feita com vistas a criticar um projeto pedagógico que busca dar continuidade à formação do homem erudito, que se apropria do saber como elemento acumulativo e reprodutivo de idéias e pensamentos.

> Toda educação que deixa vislumbrar no fim de sua trajetória um posto de funcionário ou um ganho material não é uma educação para a cultura tal como a compreendemos, mas simplesmente uma indicação do caminho que podem percorrer para o individuo se salvar e se proteger na luta pela existência (Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino, IV, p. 104).

[85] Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 43.
[86] Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 60.

Em 1873 Nietzsche publica sua primeira *Extemporânea: David Strauss, o devoto e o escritor*, onde critica o pensador e sua obra *A antiga e a nova fé*. Seu objetivo era combater a sociedade burguesa alemã e sua cultura, denominando-a de inautêntica, que nada possui de própria, "desprovida de sentido", sem substância, sem meta (EH, CoExt, § 1). É também nesse ensaio que o filósofo critica o nacionalismo alemão promovido com glórias militares e políticas que embaçam uma cultura verdadeiramente autêntica.

O filósofo formula seu pensamento a respeito de uma formação humana onde ocorre a separação entre corpo e espírito (essa é a crítica que surge com a noção do racionalismo socrático herdada pela moral do cristianismo) considerando que a educação deve promover o desenvolvimento dos dois aspectos do homem. Ele lamenta que o ensino não apresente como finalidade fomentar homens teóricos e afirma que os indivíduos têm propensão à preguiça e preferencialmente se conformam com as apreciações de valor que sobre eles incidem[87].

Mais uma vez a crítica de Nietzsche refere-se às tendências da formação moderna uma vez que o homem prefere se comportar como ditam as convenções, seguindo a moda do rebanho. Tal configuração do indivíduo dotado de um exterior que segue a massa e o rebanho e um interior impregnado por saberes e conhecimentos que para nada servem, caracterizam para Nietzsche uma cultura decadente e a barbárie enquanto ausência de uma unidade de estilo ou mistura caótica de todos os estilos.

Seqüencialmente em 1874, Nietzsche publica a segunda *Extemporânea: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, criticando a expansão da ciência histórica e os historiadores universitários como "meros espectadores do passado, e não criadores de vida e cultura". Desse modo, a inquietação que o filósofo propõe tem por finalidade um convite para que os jovens passem se educar a si mesmos, desfazendo-se de seus hábitos e da educação que outrora lhes foi inculcada[88].

[87] Na opinião de Nietzsche os homens se escondem atrás de costumes agindo como animais de rebanho e não sabendo se alegrar consigo mesmo não por medo ou pudor, mas por indolência e comodismo. (Cf. Nietzsche. **Schopenhauer Educador**, § 1 in: ***Escritos sobre educação.*** Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho, p. 138)

[88] No ensino formal erudito, se o jovem quiser desenvolver uma experiência pessoal seu desejo será abafado. (Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 43 e 64)

Para Nietzsche a cultura histórica surge em decorrência de uma teologia paralisante herdada da Idade Média onde opera o pessimismo cristão e a imposição da historicidade para uma noção moralizante (o passado e o futuro se configuram como períodos do tempo em que ação do segundo será medida como fruto da apreciação do primeiro). Para o fortalecimento de uma cultura superior é necessário romper com esse pensamento: "deve-se abominar o ensino que não vivifica e o saber que esmorece a atividade" [89].

Ainda em 1874, surge a terceira *Extemporânea: Schopenhauer educador*. Nesse ensaio Nietzsche homenageia Schopenhauer por reconhecer nele um exemplo de ideal e de modelo de educador. Tal opinião nietzschiana reforça a idéia do papel crítico da filosofia e do seu poder de transformação da ordem estabelecida, portanto eleva a importância da reflexão filosófica no processo de formação autêntica do homem.

Schopenhauer foi para Nietzsche o verdadeiro filósofo que o ensinou a educar-se contra si mesmo e contra seu próprio tempo, que em nada se assemelhava ao erudito e em quem conseguiu visualizar a honestidade, porque escrevia por si e para si mesmo; a serenidade (que o fez vencer com seu pensamento) e a constância; e encontrar a tarefa educativa de ousar ser um "si mesmo", um "eu em construção", um "cultivo de si" [90].

Na visão de Nietzsche a filosofia e educação schopenhauerianos transcendem àquelas duas propostas de formação humana predominantes no período do século XIX: a tendência alargadora e a tendência minimalista da cultura. A primeira tendência é uma proposta despótica de cultura, enquanto que a segunda se configura como proposta democrática que tem por fim a produção do homem burguês e do animal de rebanho. Está em evidência, com o educador Schopenhauer, a formação da cultura superior.

Por fim, em julho de 1876 surge a quarta *Extemporânea: Richard Wagner em Bayreuth*, onde Nietzsche expõe sua crítica aos mercenários da arte por transformarem-na em mercadoria de luxo, desapropriando-lhe o sentido de cultura. A pretensão nietzschiana com a escrita das quatro *Considerações Extemporâneas* consistia na total reprovação da manifestação educativa da época e inspirava no filósofo a proposta de um novo ideal de cultura que ele almejava[91].

---

[89] Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 60.

[90] Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 69.

[91] A educação, tal qual era desenvolvida na época de Nietzsche, somente propiciava o empobrecimento do homem. (Cf. DANELON, Márcio. "**Nietzsche educador: uma leitura de Schopenhauer como educador**". *Perspectiva*. Florianópolis, v. 19, nº 2, jul/dez, 2001, p. 407)

A tarefa educativa do primeiro Nietzsche consiste na crítica à formação medíocre de sua época e em uma nova proposta de formação do gênio, como propiciador da elevação da cultura. O ideal nietzschiano de educação ocorre não por mera instrução, transmissão e acúmulo de saberes e conhecimentos, mas através da imitação "ativa, deliberada, construtiva que permita a reconstrução do modelo, a superação de si mesmo e a anulação do efeito dominante paralisante de sua época" [92].

Sua proposta consiste não na imitação do pensamento, mas da potência criadora e inventiva de tal pensamento: "a humanidade deve constantemente trabalhar para engendrar grandes homens - eis aí a sua tarefa e nenhuma outra" (Co Ext III, § 6). Encontrar como foi possível a criação desse modelo, esse perfil de ideal pedagógico - tal foi o exercício experienciado pelo próprio Nietzsche quando decidiu aplicar para si o exemplo schopenhaueriano.

O homem que está voltado para a criação de uma cultura autêntica deve suscitar o desejo de elevar-se e produzir grandes homens, se desprendendo dos preconceitos da educação que minam a cultura e tornam o ensino vulgarizado e enfraquecido. Tais preconceitos impedem o surgimento do gênio nietzschiano, aquele que possui atividade de espírito e está além das motivações interesseiras da cultura de sua época. É preciso abandonar a domesticação que é imposta pela cultura e novamente adestrar o homem.

> Com a convicção de estar se aventurando em um terreno novo da pedagogia, Nietzsche, para opor-se à educação de sua época, propõe uma outra concepção de cultura: [...] um caminho em direção à grandeza, um adestramento [...]. Um adestramento em oposição à domesticação[93].

O sentido de adestramento para o conceito nietzschiano de formação do homem parte da "formação de si" e significa um acúmulo de forças com a qual o ser humano se desenvolve exterior, interior e organicamente. Adestrar-se para Nietzsche é o oposto da domesticação da educação moderna, que pretende transformar o jovem em uma criatura dócil a serviço do Estado e obediente aos valores por ele impostos. O adestramento consiste na reeducação da capacidade de adquirir novos hábitos, descartando o indivíduo programado.

> A educação começa com hábito e obediência, isto é, com adestramento. Cultura e educação, para Nietzsche, são sinônimos de "adestramento seletivo" e "formação de si". A educação moderna é, para Nietzsche, sinônimo de domesticação[94].

---

[92] Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 76.
[93] Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 86.
[94] Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 86, 87 e 95.

O produto dessa nova cultura elaborada pelo pensamento nietzschiano constitui-se em um ser autônomo que possui acima de tudo a característica de ousar ser ele mesmo e não a necessidade de se submeter a instâncias autoritárias. Um ser voltado para o futuro e para a preocupação com a formação de outros seres semelhantes a ele, suficientemente fortes e capazes de fundar uma cultura superior. Por esse motivo Nietzsche denomina o filósofo de médico da cultura, por existir por meio dele a possibilidade de aniquilamento da doença[95].

Nietzsche jamais abandonou sua inclinação pedagógica em toda sua carreira intelectual, pois, seja como professor da cadeira de filologia clássica, seja como filósofo solitário, ele sempre escreveu algo para ser lido e, portanto para ensinar alguma coisa a seus leitores. O pano de fundo em que são proferidas as intervenções de Nietzsche a respeito da educação, da cultura e da filosofia é o seu diagnóstico do mundo moderno e a sua crítica às idéias modernas[96].

O filósofo via na cultura e nos valores da modernidade o coroamento da mediocridade e da barbárie, cujo efeito na esfera da educação acabava por conservar os estudantes na ignorância das questões filosóficas e alimentar os valores de adequação, integração e conformismo. Ele desaprovava os intelectuais contemporâneos por estarem contaminados pelo estigma científico da especialidade, cuja única tarefa era educar para a conformidade e para a submissão[97].

Para Nietzsche o *Gymnasium* e a Universidade voltaram-se para a necessidade de rápida profissionalização e por isso é crescente o apelo por uma educação humanística e clássica, que aniquile a tendência cientificista nas escolas, sinônimo de falta de qualidade do ensino, e que novamente passe a fornecer estabelecimentos e um sistema educacional que forme indivíduos para a cultura e não uma instrução superior que visa máquinas e servidores eficientes, operantes e submissos aos interesses da burguesia.

> Aprender a *pensar*: nas escolas não se sabe mais o que isso significa. Até mesmo nas universidades, até mesmo entre os verdadeiros doutores da filosofia, a lógica como teoria, como prática, como *profissão*, começa a desaparecer. (CI, § 7)

---

[95] Em suas anotações de 1874, Nietzsche define o filósofo como "o médico da civilização". Nesse sentido, filosofar significa interpretar e diagnosticar os "males da civilização", encontrar remédios para curá-la ou então envenenar aquilo que a destrói. Analisa as causas e descreve os sintomas da doença histórica: a expansão do saber e o conseqüente enfraquecimento da cultura. (Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 40 e 61)

[96] Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação***.** Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 7 e 8.

[97] Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação***.** Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 8.

Assim, as críticas levantadas por Nietzsche contra a calamidade cultural e educacional e a pobreza filosófica encontra suas razões no que ele denomina de assimilação da produção cultural atrelada à produção industrial; em uma cultura a serviço da economia política e determinada pelos valores ditados por ela; em uma cultura especializada e estreita do erudito ligada à ausência de uma visão filosófica de conjunto; em uma vulgarização, mediocrização e degradação do pensamento; enfim em uma cultura que abandona a reflexão filosófica[98].

Concepção nietzschiana de educação.

Para Nietzsche a educação e o ensino dos jovens existem para a formação e para o desenvolvimento do pensamento e da cultura. Na verdade, a cultura autêntica exige uma visão de conjunto que só pode ser fornecida pela filosofia. A sua avaliação a respeito dos estabelecimentos de ensino é que estes orientavam para uma profissão, uma carreira, um cargo e eram movidos pelo espírito utilitário. A consideração pela utilidade geral, em se fazer tudo em vistas ao *bem supremo* (HHI, § 95) fomenta, em sua opinião, uma "pseudocultura".

O diagnóstico nietzschiano sobre a educação era de que a mesma se configurava enquanto técnica de formação do homem e por isso testemunhava uma pobreza pedagógica de espírito, que se apresentava na sua época nas instituições transmissoras de um saber uniformizado e medíocre. O ensino fortemente combatido por Nietzsche ajudava a formar os servidores de momento, mas não concorria absolutamente para formar os homens protagonistas de uma cultura superior.

Nietzsche critica as escolas por terem se transformado em "escolas profissionais" e as universidades em "escolas especializadas" [99]. Ambas, acusadas de proporcionar um tipo de educação que não tem nenhum compromisso com a cultura, apresentam práticas que se situam nos limites da intelectualidade científica[100]. Ele despreza o sistema educacional que tem sob seus olhos porque o mesmo visa promover o "homem teórico", que domina a vida pelo intelecto, separa vida e inteligência, corpo e pensamento[101].

---

[98] Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação***.** Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 9.

[99] A concepção nietzschiana era que as escolas e as universidades já não ensinavam a estudar. Em sua opinião o estudo, a humildade e o silencio não eram nem sequer permitidos (Cf. LARROSA, Jorge. ***Nietzsche & a Educação*****.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga, p. 15).

[100] Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação***.** Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 22 e 23.

[101] Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 32.

Avesso à erudição acadêmica[102] (bem como à especialização e à cultura enciclopédica e livresca com que os professores pretendiam educar seus alunos), o filósofo idealizava um tipo de educação baseado no aprofundamento do estudo dos gregos pré-platônicos. Essa era a concepção nietzschiana de educação para elevação da cultura: ancorada nas experiências de vida de cada indivíduo, em que "os modos de vida inspiram maneiras de pensar e os modos de pensar criam maneiras de viver" [103].

O estudo dos pré-platônicos fez Nietzsche perceber que, da mesma forma como ocorria entre os gregos, o saber deveria servir à construção da melhor forma de vida humana, constituindo-se os estabelecimentos de ensino como um lugar de reflexão filosófica, formação do espírito crítico e desenvolvimento da atividade de imitação criadora, onde a educação promovesse com propriedade o aprofundamento integral e harmonioso de todas as capacidades do indivíduo[104].

A sugestão nietzschiana é que aos jovens sejam ministradas aulas que remetam aos grandes homens e às obras clássicas do período da tragédia grega contra a barbárie que opera como meio a impedir o surgimento de aristocracia intelectual (em detrimento da formação do homem teórico) e em defesa de um ensino favorável ao progresso espiritual e ao desenvolvimento de uma cultura superior.

Nietzsche critica o ato educativo como um todo entendendo o mesmo é composto por vários elementos que o impulsionam ou corroem sua estrutura. Um dos aspectos que o filósofo aponta como uma das causas para a manutenção de um tipo de educação que não visa desenvolver o homem e elevar seu estado de cultura é a formação dos educadores, justamente porque os professores bloqueiam a autonomia das experiências próprias dos alunos.

Com relação aos educadores, o filósofo lamenta que as instituições de ensino não possuam grandes homens ocupando seus cargos, antes se configuram em vistas a formar homens para um emprego, influenciados pela economia política. Do ponto de vista do processo pedagógico e da relação de ensino e aprendizagem, Nietzsche afirma que tarefa educativa deve ser responsabilidade de verdadeiros guias para a elevação da cultura[105].

---

[102] O erudito representa para Nietzsche o nanismo intelectual, ele não necessita de uma verdadeira cultura, nem sequer requer um gosto educado e uma sensibilidade afinada (Cf. LARROSA, Jorge. ***Nietzsche & a Educação*.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga, p. 37).

[103] Ideal pedagógico nietzschiano para Deleuze, em *Nietzsche et la philosophie*. (CF. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 32 e 33.

[104] CF. MARTON, Scarlet. "**Prefácio**" in: DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério).

[105] Como o que antes foi dito sobre a representação de ideal de educador para Nietzsche concretizado em Schopenhauer. (Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação.* Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 19, 24 e 25)

> O ensino consiste em comunicar a grandeza dos homens mais nobres e cultivar individualidades superiores; a própria história consiste na comunicação destas individualidades superiores que são perpetuadas através das gerações, o que de resto faz da cultura uma sucessão e um contínuo[106].

Os escritos do jovem Nietzsche revelam sua forte tendência à criação de um novo padrão educacional. Desfazendo-se dos conceitos que invadiam as esferas da cultura, seu desejo era inspirar um ensino onde a formação humana estivesse impregnada de uma atenção indispensável ao indivíduo e ao desenvolvimento de todas as suas energias, de modo a criar nos jovens uma harmonia tal que neles faça crescer as forças ainda imberbes que carregam e faça por outro lado diminuir as forças dominantes que os contaminam[107].

O primeiro Nietzsche é aquele, portanto, que vê com maus olhos a democratização da cultura, critica os estabelecimentos de ensino e a qualidade da educação ali ministrada e oferecida aos jovens, propõe uma educação clássica (baseada na educação dos gregos) e visa a criação do gênio. Na concepção do segundo Nietzsche, em sua fase intermediária, o filósofo continua exprimindo suas críticas à cultura e à educação, mas sob uma nova perspectiva. Não mais com o sentido pedagógico, a proposta nietzschiana é a libertação.

A opinião nietzschiana é que a concepção democrática moderna exclui a existência do gênio da cultura. Era preciso ainda lutar contra a idéia de que a educação deva ser orientada no sentido das grandes massas[108]. Nietzsche, contra toda a moral do rebanho, acreditava ser a elevada cultura uma dádiva que a natureza reserva somente para um pequeno número de indivíduos excepcionais, portanto não se pode pretender que as grandes massas estejam em condições de adquiri-la. A verdadeira cultura pressupõe um espírito aristocrático[109].

> Os socialistas querem o bem estar para o maior número possível de pessoas. Se a pátria permanente desse bem-estar, o Estado perfeito, fosse realmente alcançada, esse próprio bem-estar destruiria o terreno em que brota o grande intelecto, e mesmo o indivíduo poderoso: quero dizer, a grande energia. A humanidade se tornaria fraca demais para produzir o gênio, se esse Estado fosse alcançado. (HHI, § 235)

---

[106] Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação***.** Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 28.

[107] Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação***.** Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 28 e 29.

[108] Segundo Nietzsche, a cultura universal é a barbárie, sua intenção é aplaudir e exaltar o que é adequado ao presente por causa da sua utilidade. A cultura universal é utilitária e de felicidade grosseira, contrária à verdadeira cultura (Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação***.** Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 29).

[109] Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação***.** Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 10, 11, 12 e 14.

Nietzsche era antidemocrático porque em sua opinião quanto mais a sociedade se tornasse igualitária, em decorrência da ampliação e do aprofundamento das tendências liberais modernas, mais haveria a necessidade de um sistema voltado para a destruição da exceção e, portanto para a anulação do espírito elevado. Para ele, o papel da educação não é outro senão libertar as forças interiores que a natureza colocou nos homens para a sua elevação e realização: as forças instintivas e plásticas[110].

O filósofo, agora no período de intermediação das suas fases do pensamento, preocupa-se com a formação recebida pelos jovens e por isso propõe um retorno a si mesmo. Seu tema educativo nesse segundo momento é cuidado de si, deslocando a ênfase dos estabelecimentos de ensino para o período de pós-educação, a auto-formação. A proposta de Nietzsche configura-se dessa forma no abandono da segunda natureza que foi imposta ao homem por meio da socialização da cultura e o retorno à primeira natureza instintiva.

> *Uma coisa é necessária* - "Dar estilo" a seu caráter - uma arte grande e rara! É praticada por quem avista tudo que sua natureza tem de forças e fraquezas e o ajusta a um plano artístico, até que cada uma delas aparece como arte e razão, e também a fraqueza delicia o olhar. Aqui foi acrescentada uma grande massa de segunda natureza, ali foi removido um bocado de primeira natureza: - ambas às vezes com demorado exercício e cotidiano lavor. Aqui o feio que não podia ser retirado é escondido, ali é reinterpretado como sublime. Muito do que era vago, resistente à conformação, foi poupado e aproveitado para a visão remota: -acenará para o que está longe e não tem medida. Por fim, quando a obra está consumada, torna-se evidente como foi a coação de um só gosto que predominou e deu forma, nas coisas pequenas como nas grandes: se o gosto era bom ou ruim não é algo tão importante como se pensa - basta que tenha sido um só gosto! (GC, § 290)

A preocupação nietzschiana não está centrada tanto agora nas instituições e sim na formação moral do indivíduo. Nietzsche pressupõe uma socialização infantil e por isso entende que depois dessa formação é necessário ao homem repensar os conceitos morais e valores que lhe foram impostos. Esse período consiste, para o filósofo, em um momento de libertação do espírito aprisionado pelas leis sociais e pelas regras da cultura impressas nas crianças e nos jovens.

O gênio é avesso a todas as formas de cultura moderna, por isso Nietzsche o denomina de espírito livre ou, por vezes, de espírito forte. Não é próprio da essência do espírito livre ter opiniões mais corretas, mas sim ser libertado da tradição; ele é a exceção, os espíritos cativos são a regra, ele pensa de modo diverso. É dos indivíduos mais independentes, inseguros e moralmente fracos, que depende o *progresso espiritual*: são aqueles que experimentam o novo e, sobretudo o diverso (HHI, §§ 224 e 225).

[110] Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação.* Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 33 e 34.

> O ponto de partida de Nietzsche consiste numa crítica fulminante da preguiça, da pusilanimidade, da vergonhosa busca de acomodação e anonimato que constituem o traço distintivo do home moderno, até na mais rarefeita atmosfera da espiritual: sua obsessão em ocultar-se sob opiniões e costumes alheios[111].

O problema, como explica Giacóia, constitui-se na inquietação de como encontrar-se a si mesmo dentre os princípios, valores, opiniões comuns, costumes, convenções e tradição que foram impressos no homem. Para Nietzsche, esta solução ocorre quando o indivíduo volta-se para si mesmo, olha para trás e, na tentativa de recuperar a sua primeira natureza, liberta-se das camadas da cultura. Essa retirada da pele da cultura sobre o homem é o que o filósofo denomina de abominação à domesticação e passagem para a auto-formação.

Para Nietzsche, os homens podem *conscientemente* decidir se desenvolverem rumo a uma nova cultura; podem criar melhores condições de formação humana (como instrução e educação) e ultrapassar a cultura geral, tendo em vista que o progresso espiritual e filosófico é possível (HHI, § 24). O filósofo, que defende a importância da reflexão para o resgate da cultura por meio da educação, entende que é preciso ao homem ousar ser ele mesmo, revelar sua individualidade em sua tarefa educativa.

Mas como se forma o espírito forte? Este é, num caso particular, o problema da produção do gênio. O gênio se forma em meio à originalidade, por isso ele pode ser chamado de mau e demoníaco. O ambiente moderno é hostil a essa formação: quem quiser colher felicidade e satisfação na vida, que evite sempre a cultura superior. A cultura superior é necessariamente incompreendida e erradamente interpretada pela cultura inferior (HHI, §§§§§ 230, 231, 241, 277 e 281).

Na concepção nietzschiana a única maneira de superar as condições da modernidade que são adversas à formação de uma cultura e espíritos elevados é a prática do exercício de reflexão filosófica. Nesse sentido, confere à filosofia um papel fundamental na formação do sujeito. À educação cabe necessariamente lidar com as questões de ordem moral e jamais se afastar desta perspectiva dos valores, deve lidar com os verdadeiros problemas da cultura, que são os problemas da existência.[112]

> O indivíduo não é somente um repositório para as idéias dominantes da época; ao contrário a sua virtude reside exatamente em que ele pode efetivamente pensar a sua própria experiência e produzir a partir dela novos comportamentos[113].

---

[111] Cf. GIACÓIA JR., Oswaldo. "**Sobre tornar-se o que se é**". In: SILVA, João Carlos Salles da (Org.) *Schopenhauer e o Idealismo Alemão.* Salvador: Quarteto, 2004, p. 201-218.
[112] Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação.* Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 18, 20 e 21.
[113] Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação.* Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 18.

A tarefa maior da educação seria pavimentar as vias que levam a uma espécie mais forte, o que se torna impossível com o projeto de educação conformado com a sociedade atual (A, § 186). A crítica nietzschiana às idéias modernas relacionadas ao ensino se dirige ao fato da prática educativa não concorrer para a elevação da verdadeira cultura e sim para a manutenção daquilo que o filósofo denomina de pseudocultura. Trata-se de um processo pedagógico que não promove a formação de homens livres e sim das massas.

A análise que Nietzsche elabora aponta para o pensamento de que a meta natural e o fim último da cultura é o cultivo dos grandes homens, e estes constituem as exceções, os opositores, os inúteis (porque só são úteis aqueles que obedecem à ordem estabelecida). Para Nietzsche, o grande meio indispensável para a formação desses grandes homens é a filosofia; em sua opinião os grandes homens, os mais bem dotados, não deviam ser educados para atender as necessidades da divisão social do trabalho[114].

> Aos homens ativos falta habitualmente a atividade superior, quero dizer, a intelectual. Eles são ativos como funcionários, comerciantes, eruditos, isto é, como representantes de uma espécie, mas não como seres individuais e únicos; neste aspecto são indolentes. (HHI, § 283)

No mundo ocidental, a cultura superior já não encontra mais meios de amadurecer seus frutos, atesta Nietzsche. O indivíduo da cultura da civilização moderna que se submete às convenções impostas acredita que possui uma virtude de utilidade geral[115], e que, ao preservar essa utilidade, está realizando uma tarefa superior (HHI, § 285). Essa moral que avalia os impulsos e atos humanos é pregada para que se forme um indivíduo engajado com as tendências de mediocridade e igualização dos seres humanos (GC, § 116).

Os setores que promovem a cultura deveriam ter como meta a criação do gênio. No entanto, para Nietzsche, esse desenvolvimento não ocorre por interferência de três egoísmos: o egoísmo dos comerciantes, que priorizam o lucro, o consumo e a produção; o egoísmo do Estado que deseja a extensão e generalização da cultura intelectual da geração jovem, mas para que ela seja útil às instituições visando a formação de funcionários para mantê-lo; e o egoísmo da ciência representada pelo progresso de um conhecimento estático[116].

---

[114] Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação***.** Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 31 e 35.

[115] Para Nietzsche existe uma teoria da moral profundamente equivocada, segundo ela, o que chamamos de bom é aquilo que conserva a espécie, o que chamamos de mau, aquilo que a prejudica (GC, § 4).

[116] Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 82.

Na concepção nietzschiana, o Renascimento italiano abrigava em si todas as forças positivas a que se deve a cultura moderna: emancipação do pensamento, desprezo das autoridades, triunfo da educação sobre a arrogância da linhagem, entusiasmo pela ciência e pelo passado científico da humanidade, desgrilhoamento do indivíduo, flama da veracidade e aversão à aparência e ao puro efeito (HHI, § 237). Essas tendências influenciaram o Iluminismo do século XIX.

> A escola não tem tarefa mais importante do que ensinar o pensamento rigoroso, o julgamento prudente, o raciocínio coerente; por isso ela deve prescindir de todas as coisas que não são úteis a essas operações, por exemplo, da religião. (HHI, § 265)

Nietzsche afirma que essas concepções modernas são somente uma continuidade dos valores da moral cristã e, portanto podem ser por ela manipuladas. Sua desaprovação na educação era a disjunção iniciada com o racionalismo e continuada com o cristianismo[117]. Por isso, o interesse pela educação só ganhará força a partir do momento em que a crença for abandonada (HHI, § 242). As religiões atuam como "meios de cultivo e educação [...] querendo elas mesmas ser os fins e não os meios entre outros meios" (BM, § 62).

> A influência cultivadora, seletiva, isto é, tanto destrutiva quanto criadora e modeladora, que se pode exercer com ajuda das religiões, é sempre múltipla e diversa, conforme o tipo de homens colocados sob seu domínio e proteção. (BM, § 61)

O fenômeno extraordinário da moral é a transformação repentina do "homem mau" em "santo", um homem bom (BM, § 47). Desta forma, com uma educação inculcando valores e apropriando o homem com os ideais liberais modernos de utilidade geral (de igualdade e justiça, por exemplo), esse tipo de homem da modernidade se torna apequenado e medíocre. Também essa época impede o florescimento de um novo tipo de homem, aquele espírito livre da tradição, verdadeiramente autônomo.

O homem livre deve tornar-se senhor de si mesmo, senhor também de suas virtudes. Deve ter o domínio, deve aprender a perceber o que há por trás de cada valoração, deve entender os fins de sua ação e de suas vontades. O espírito livre *sabe* agora a qual "você deve" obedecer, e também do que agora é *capaz*, o que somente agora lhe é – *permitido*... (HHI, prólogo, § 6). Enquanto os homens comuns se preocupam com o esquadrinhamento do que é útil, o homem livre é original[118].

---

[117] Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 66.

[118] O gênio difere do homem erudito porque o segundo acredita que em meio as suas preocupações com as coisas comuns está fazendo cultura, enquanto que o primeiro possui uma visão de conjunto do conhecimento e da vida, sendo desinteressado do que é útil somente à sociedade e não a ele mesmo. (Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 81)

Reformulação do projeto educativo segundo Nietzsche.

Para Nietzsche, a educação do homem moderno não aconteceu para o seu desenvolvimento e progresso cultural (e conseqüente elevação do espírito), mas para corresponder às carências do Estado[119]. Se foi preciso reeducar o *gênero humano* por meio da moralidade, orientar a espécie humana impondo a punição (como se a educação do gênero humano tivesse sido orientada até agora, pelas fantasias de carcereiros e carrascos!) (A, § 13) todavia, esteve ausente da educação toda a reflexão moral (A, § 195).

Desse isolamento doentio, do deserto desses anos de experiência (o percurso do gênio é sempre penoso e solitário[120]), é ainda longo o caminho até a enorme e transbordante certeza e saúde, que não pode dispensar a própria doença como meio de anzol para o conhecimento, até a *madura* liberdade do espírito - tais coisas ruins e penosas pertencem à história da grande liberação. De fato, ao espírito livre dizem respeito, de ora em diante, somente coisas - e quantas coisas! - que não mais o *preocupam* (HHI, prólogo, §§ 3 e 4).

Para Nietzsche, a educação não configura-se somente em instruir e informar, ela significa autoformação, um objetivo que extrapola certamente as esferas de atuação dos estabelecimentos de ensino e que faz da cultura uma atividade para toda a vida[121]. O filósofo se preocupa com a evolução total do homem enquanto *animal não determinado* (BM, § 62) A educação é um prosseguimento da geração e, com freqüência, uma espécie de embelezamento posterior da mesma (A, § 397).

> No caso do indivíduo, a tarefa da educação é a seguinte: torná-lo tão firme e seguro que, como um todo, ele já não possa ser desviado de sua rota. Mas então o educador deve causar-lhe ferimentos, ou utilizar os que lhe produz o destino e, quando a dor e a necessidade tiverem assim aparecido, então algo novo e nobre poderá ser inoculado nos pontos feridos. Toda a sua natureza o acolherá em si mesma e depois, nos seus frutos, fará ver o enobrecimento. (HHI, § 224)

[119] Cada vez mais abandona-se a formação humanista em favor de uma educação voltada para as necessidades do parque industrial. Uma educação humanista seria um luxo que afastaria os indivíduos do mercado de trabalho (Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 114 e 115).

[120] Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 81.

[121] Cf. MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. "**A pedagogia de Nietzsche**" in: *Escritos sobre educação.* Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003, p. 37.

Talvez a arte da educação não seja outra senão a de fazer com que cada um torne-se em si mesmo, até sua própria altura, até o melhor de suas possibilidades. Algo que naturalmente não se pode fazer de modo técnico e massificado, mas sim de forma superior e elevada. Nietzsche sente a obrigação de perguntar quem cada um é e fazer com que a pessoa que o lê entenda como é o seu próprio "eu". O filósofo se preocupa com a idéia de formação desse "eu".

> O "eu" não é outra coisa senão o resultado superficial de uma certa organização hierarquizada de forças que, em grande medida, permanece inconsciente. A personalidade é um sistema hierarquizado de forças[122].

Para Nietzsche o "eu" moderno transformou-se no animal de rebanho com tendência à vida gregária. A sua proposta para a formação de um novo tipo de homem baseia-se na construção de uma oposição ao homem homogêneo, priorizando a liberdade do ser singular. Essa nova articulação nietzschiana vai estabelecer que a questão da subjetivação constitui-se numa luta entre o convencionalismo do agrupamento e a ânsia de singularidade do individuo[123].

O imperativo da libertação em Nietzsche soa como um homem que não quer pertencer à massa e para isso só necessita deixar de comportar-se comodamente consigo mesmo e obedecer à sua consciência que lhe grita: sê tu mesmo (GC, § 290). A luta contra o presente é também uma luta consigo mesmo porque para "chegar a ser o que é" o sujeito precisa combater o que já é. Essa é a proposta nietzschiana de retorno à primeira natureza humana enquanto natureza autêntica e autônoma.

Através de uma série de experiências e metamorfoses o indivíduo converte-se no que é, o vir a ser se formula a partir da reavaliação dos valores e da afirmação de si: são essas as condições que possibilitam a formação do sujeito. Na concepção nietzschiana esse processo pelo qual passa o homem até ser formado naquilo que ele é, precisa seguir o próprio instinto deixando que a vontade de poder como uma força que rege a vida direcionando o desenvolvimento humano de maneira inconsciente[124].

---

[122] Cf LARROSA, Jorge. ***Nietzsche & a Educação*.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga, p. 18 e 21. O "eu" nietzschiano merece uma atenção especial porque a ele não se pode aplicar um entendimento metafísico (esse tipo de leitura da questão do individualismo em Nietzsche se constituiria em um verdadeiro equivoco). A crítica da noção do sujeito é uma constante na obra do filósofo. Nietzsche repudia a idéia de um "eu" fixo, estável ao qual contribuiria para uma vida gregária. O "eu" a que ele se refere trata-se não de uma substância fixa, mas de algo que se supera. Para ele não existe um "verdadeiro eu". (Cf. DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério), p. 68)

[123] Cf. LARROSA, Jorge. ***Nietzsche & a Educação*.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga, p. 56.

[124] Cf. LARROSA, Jorge. ***Nietzsche & a Educação*.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga, p. 63, 67 e 69.

Para Nietzsche, o sujeito que se constitui a partir da modernidade precisa se libertar. O indivíduo da maioridade ou o indivíduo moderno é aquele que passa a escrever sua história como uma história da liberdade, da emancipação e da autonomia, dando a si mesmo sua própria lei, não dependendo de nada que advenha do exterior. Por isso que para o filósofo a modernidade surge quando o homem começa a pensar em si mesmo. A subjetividade do indivíduo moderno se apresenta na sua não submissão a outrem[125].

Nas sociedades pré-modernas a tradição era imposta ao indivíduo sem ter sido por ele escolhida e nem, conseqüentemente, ter sido fundada por sua própria vontade, ela vinha de fora, sob forma de transcendência radical à qual os homens deviam obedecer como obedeciam às leis da natureza. A liberdade do homem moderno se configura como um desligamento da dependência da tradição, ou seja, a dinâmica democrática moderna será contrária aos conteúdos tradicionais[126].

A dimensão lógica do período moderno compreende o novo sujeito como valor e princípio, a partir da igualdade (na medida em que, na lógica da igualdade um homem é equivalente a outro homem) e da liberdade - na medida em que, na lógica da liberdade apenas o homem pode ser por si mesmo a fonte de suas normas e leis sendo contra a tradição[127]. O indivíduo consciente e moralmente internalizado é o que irá se formar durante a modernidade: apequenado, medíocre e resumido a si mesmo.

A crise que se instaura na sociedade decorrente da cultura é, portanto, segundo Nietzsche, uma crise na moral. Para que o indivíduo moderno se liberte desse estado de liberdade ele deve ser capaz de sobrepor-se a outros sujeitos, tendo o poder de autodeterminar-se a si mesmo impondo independentemente sua própria vontade frente a vontades externas. Isso só é possível quando o homem repensa os valores e conceitos morais ultrapassando-os ao invés de confirmá-los e fortalecê-los por interiorização[128].

---

[125] Cf. LARROSA, Jorge. ***Nietzsche & a Educação*****.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga, p. 82 e 83. Também Alain Renaut possui uma afirmação semelhante com relação ao sujeito do humanismo ou indivíduo moderno, ao qual não concebe mais receber ordens nem normas nem leis por pretender fundá-las (RENAUT, Alain. ***O Indivíduo - Reflexão acerca da filosofia do sujeito***. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998. Tradução: Elena Gaidano, p. 10).

[126] Cf. RENAUT, Alain. ***O Indivíduo - Reflexão acerca da filosofia do sujeito***. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998. Tradução: Elena Gaidano, p. 28.

[127] Cf. RENAUT, Alain. ***O Indivíduo - Reflexão acerca da filosofia do sujeito***. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998. Tradução: Elena Gaidano, p. 30.

[128] Cf. LARROSA, Jorge. ***Nietzsche & a Educação*****.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga, p. 103 e 113.

Obedecer à consciência, isto é, ter uma consciência racional (por meio da abstração, por elaboração própria de princípios e por juízo) não significa dar liberdade para o homem. Quando o homem chega à modernidade, quando deixa de obedecer a deus ou ao rei ou ao pai ou ao amo se emancipando de qualquer autoridade exterior, entram em cena a consciência e a razão que o obrigam a continuar obedecendo. Isso faz com que os homens se tornem livres e escravos ao mesmo tempo, livres por interiorização de lei:

> O sujeito - tanto o sujeito da razão como o sujeito moral - é o grande invento no qual o próprio sujeito assume a dupla tarefa de vigiar e de ser vigiado, de dominar e de ser dominado, de julgar e de ser julgado, de castigar e de ser castigado, de mandar e obedecer[129].

A critica que Nietzsche tece à formação humana sugere assim que se implante um novo hábito que talvez daqui a milhares de anos seja poderoso o bastante para dar à humanidade a força de criar o homem sábio e inocente, da mesma forma regular como hoje produz o homem tolo, injusto, consciente da culpa - *que é, não o oposto, mas o precursor necessário daquele* (HHI, § 107). O desejo o filósofo é que após esse processo sejam produzidos espíritos verdadeiramente livres.

A tese de Nietzsche afirma que os homens da modernidade, formados com a inversão de valores na moral, homens que possuem o desejo de *liberdade*, mas que, todavia continuam sendo escravos de si mesmos, devem ser superados com a criação do tipo nobre. A responsabilidade dessa formação cabe à educação. Não importa por quais labirintos vagueie um espírito do tipo "espírito livre", ele deve algum dia tornar-se maduro e doce até que atinja a perfeição (HHI, prólogo, § 3).

A obra de uma sociedade aristocrática converge na elevação do tipo homem, na formação de um criador de valores. Inversamente às idéias democráticas progressistas (que possuem uma origem não-aristocrática), a moral do nobre não é das "idéias modernas", mas configura-se em um segundo tipo de moral. Diferente da moral dos escravos - por essência uma moral da utilidade, o objetivo da moral aristocrática é formar um ser superior (BM, §§ 258 e 260).

[129] Cf. LARROSA, Jorge. ***Nietzsche & a Educação*.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga, p. 113.

Por essa razão a contribuição que Nietzsche traz ao campo da educação é bastante atual e deve levar a reflexão de que tipo de homem os estabelecimentos de ensino têm se proposto a formar. Se são ainda aqueles jovens que devem obedecer sendo submissos às leis e interesses do Estado, ou se já se evoca em cada um deles o espírito crítica e a atividade criadora tornando-os capazes não somente de repensarem seus próprios hábitos e valores, mas também e construírem uma cultura autêntica e original.

Considerações Finais

O legado nietzschiano é vasto e suas contribuições filosóficas perduram configurando-se por vezes em temas completamente atuais. Fazendo uma espécie de apanhado geral Nietzsche trata em sua obra autobiográfica *Ecce Homo*, de alguns dos seus livros expondo a construção de suas idéias. Como um olhar para trás, com 44 anos, tempos depois de cada uma de suas obras já ter se consagrado, o filósofo comenta a trajetória de seu pensamento.

Nietzsche submete a seus leitores todo o processo de construção de seu pensamento filosófico, fornecendo um breve histórico acerca dos ideais que redigiu. Sua intenção foi apresentar o projeto que construiu pautado na filosofia no decorrer de sua vida. As idéias nietzschianas são fortemente combatidas e criticadas na atualidade, todavia pode-se reconhecer a importância que elas apresentam à crítica da formação humana.

> Pode ser que essa atualidade do pensamento nietzschiano se deva à seu caráter extemporâneo ou às transformações tardias por que passam nossas concepções de educação e cultura - não importa. O que conta é que, tomado como ferramenta de trabalho, ele nos permite lançar um olhar crítico sobre o momento em que vivemos[130].

O propósito da trajetória filosófica de Nietzsche é, em vistas ao combate às idéias modernas da moral socrática e cristã, a criação de novos valores e conceitos morais, que servirão de base para a formação de um novo tipo de homem, o *além do homem*. Por conta disso, o que se pretendeu nesse trabalho foi percorrer o caminho filosófico traçado por Nietzsche para a formação da consciência moral no homem.

A formação da consciência moral sugere que no homem fiquem gravadas as normas e regras sociais a que precisa se submeter para viver em comunidade. Para tanto, como foi mostrado, foi criada no homem uma memória da dor para que, aquilo que fosse cravado na memória humana não mais o permitisse cometer delitos contra a sociedade. Conclui-se, portanto, que a memória serve para preservar acesas as idéias morais.

Qual o desígnio da produção da faculdade da memória? Com ele, o homem foi finalmente dotado de responsabilidade, confiabilidade, regularidade e previsibilidade. O que foi constatado foi que a capacidade de fazer promessas e cumpri-las formou-se de uma técnica dolorosa, no entanto eficaz, a *mnemônica.* A partir dessa técnica de produção da memória o comportamento humano tornou-se não só avaliado como também intermediado pela razão.

---

[130] Cf. MARTON, Scarlet. "**Prefácio**" in: DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche Educador*. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério).

Em outro momento foi visto que, na eticidade dos costumes, o homem obedece a tradição como reconhecimento de que as experiências dos antepassados melhor norteiam a comunidade do que suas próprias concepções[131]. Caso ele se negue a seguir a moral imposta, é tido como um devedor da sociedade, como um homem "mau", no sentido de que "bom" é somente aquele que cumpre sem refletir o que a tradição lhe impele.

Com os castigos a que eram submetidos os homens *esquecidiços*, considerados devedores da própria sociedade (por terem ignorado os benefícios e vantagens de uma vida comunitária), formou-se a consciência. Vale ressaltar que, os castigos eram primeiramente impostos pelos credores e só depois é que eles se tornaram de responsabilidade do Estado, que passou a mediar as relações contratuais de troca.

Restritos às obrigações legais, surgidas pela primeira vez nas relações de compra e venda, aos homens foi necessário aprender as regras morais atreladas ao comportamento do corpo. Com as relações entre os acordantes e os contratos feitos, o preço que era cobrado por uma promessa não cumprida consistia nos bens, na liberdade ou até mesmo na própria vida do devedor. Ao homem tornou-se inerente saber calcular, medir e julgar seus próprios atos.

Com o declínio dos juízos de valor que antes eram impostos à consciência humana, o que passou a auto-regular o homem? É retomada então a finalidade da pratica dos castigos: suscitar a capacidade no homem de inferir por meio da razão. Por esse motivo Nietzsche pontua que a entrada do homem na civilização pressupõe a doença da má consciência. Somente com a mediação do sentimento de culpa, os atos humanos podem ser controlados.

Com a internalização das vontades e com a constante regularização mantida pela faculdade da memória, o homem aprofunda-se dentro de si, pelos seus desejos que não podem ser satisfeitos, e interioriza-se na alma, surgindo assim a má consciência. A má consciência é obra prioritária daquele tipo de homem que não pode reagir, que deve apenas reprimir sua vontade de poder e contar seus instintos e paixões.

O ressentimento é dado àqueles que, não podendo reagir com os atos, preenchem a si mesmos com uma vingança imaginária. Enquanto a moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um "não-eu" - *este* Não é o seu ato criador. Voltar-se para si é algo necessário para a moral escrava, sua ação é no fundo uma reação. O contrário sucede no modo de valoração nobre (GM, I, § 10).

[131] A autoridade, diferentemente do simples poder (*potestas*), enraizava-se assim no passado, mas num passado que permanecia presente na memória dos cidadãos, pois evocava a obediência através da herança por transmissão dos que detinham o saber das fundações de todas as coisas - a tradição. (Cf. RENAUT, A. ***O fim da autoridade***. Lisboa: Instituto Piaget, 2004 (Coleção Epistemologia e Sociedade). Tradução: Felipe Duarte, p. 37)

Para Nietzsche, a má consciência é a doença, o mal que acomete o homem quando o mesmo passa a viver em sociedade. O que pudemos extrair de tal discussão é que o sentimento de culpa e a nova noção de justiça baseada na igualdade, oriundas da má consciência, são pré-condições para o comportamento humano quando se fala em construção de uma cultura moderna.

Observamos também como a moral cristã perverteu a religião, o culto, a moral, a história, a psicologia transformando-os na *antítese dos seus valores naturais* (AC, § 24). O cristianismo elaborou a inversão dos valores e conceitos morais, predizendo a prática do ascetismo e a negação da vida terrena, humana e corpórea como bons e necessários para elevação da espiritualização.

Constituindo o que Nietzsche denomina de *instinto de rebanho* (GM, I, § 2), a inversão dos valores fundada pela moral do cristianismo compreendeu o ascetismo como uma finalidade. Desta forma, o *pathos* da distância que se operava no momento pré-histórico tornou-se igualdade e os valores aristocráticos foram perdidos e transformaram-se no modo de vida sacerdotal de abstinência, renúncia e devotamento (GM, I, § 7).

Mostramos que na concepção nietzschiana a modernidade surge com a fundação dos ideais socráticos e cristãos, dos quais os ideais modernos liberais da Revolução Francesa são, na opinião do filósofo, apenas uma continuidade. Para Nietzsche a modernidade surge quando do homem na busca de sua subjetividade passa a seguir preceitos morais que lhe são próprios desprezando assim a época da moralidade dos costumes.

A inauguração dessas idéias que afastam o homem da tradição surge com o advento do pensamento metafísico socrático-platônico e a divisão do mundo em sensível e ideal, propondo pela primeira vez como tema filosófico a busca pela felicidade individual; e com a moral do cristianismo que orienta o fiel a cultivar sua própria salvação. Essas duas formas individualistas de pensar configuram, para Nietzsche, a modernidade.

Podemos concluir que na modernidade o que existe é uma liberação da moral, não há mais moralidade dos costumes, pois esta acabou com o último homem altruísta. Não há mais tradição, o que opera é a noção de indivíduo. Também pudemos entender como, do ponto de vista nietzschiano, os valores ocidentais modernos constituem os valores da moral cristã: a igualdade de todos perante Deus torna-se a igualdade de todos diante da lei.

A crítica nietzschiana se tece no sentido de que os ideais democráticos são herdeiros da concepção cristã de igualdade. Apesar da proposta do liberalismo constitui-se na ruptura com a Igreja da Idade Média e a criação de um Estado neutro e laicizado chegou-se a conclusão de que os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa são gerados primeiramente no interior do cristianismo e duramente combatidos pelo filósofo.

Outro ponto interessante que foi discutido no decorrer deste trabalho monográfico configurou-se na nova roupagem da democracia, quando do seu ressurgimento a partir do século XVI. Quando o regime democrático entra em cena novamente no palco da história é diagnosticada por Nietzsche a tentativa de moldar o homem em cidadão por meio da cultura, na educação, na justiça, na política e no Direito.

A crítica que Nietzsche elabora fere o princípio de igualdade, porque é através deste princípio que se concretiza a democratização da cultura e o apequenamento do homem, formando um único tipo humano: o medíocre. Para Nietzsche, o homem moderno é pensado para continuar sendo sempre a mesma coisa em repetição. Ele classifica a democracia como "regime das massas" e "regime do rebanho".

E não poderia ser diferente, como tivemos a oportunidade de abordar anteriormente, durante a leitura dos conceitos nietzschianos, foi mostrada a questão da abominação do filósofo a uma cultura das massas, porque seu entendimento acerca da educação e da cultura era que as mesmas consistiam em esferas da sociedade cuja finalidade era a formação de um tipo nobre e aristocrático de homem, portanto jamais gregário.

Nietzsche aponta para a origem dessa regressão da humanidade e afirma ser o cristianismo, que renega todos os instintos humanos, que corrompe a natureza intelectualmente poderosa e transforma os valores superiores mais elevados da humanidade em decadência, pecados, desvios e *tentações* (AC, §§ 4 e 5). Do ponto de vista nietzschiano essa tentativa de igualizar todos os indivíduos torna o homem um animal do rebanho.

O que seria então progresso para Nietzsche, já que para ele o período da modernidade é o de assolamento da humanidade? Na sua concepção as idéias modernas não passam de idéias falaciosas, elas se constituem na regressão do tipo humano e não na evolução. O filósofo revela-se a favor da autenticidade de uma grande política e da natureza dionisíaca; contra a metafísica e a tradição cristã. Para ele, o progresso humano só será possível quando se produzirem verdadeiros homens autênticos e originais.

Nietzsche, que elabora assim um novo ideal de formação de homem. Para a formação desse novo ideal de homem (o gênio) ele sugere um conceito distinto de educação, que concorra para a elevação do espírito nobre aristocrático e da cultura. Criticando os modelos de escola e educação que se apresentam em sua época, o filósofo se mostra contrário às técnicas de formação do homem gregário e a favor do cultivo da autonomia e da autenticidade.

O filósofo salienta que por vezes o tipo mais valioso de homem já existiu, entretanto, não como um ser desejado, mas como uma exceção, um feliz acaso. Pelo contrário, esse tipo superior foi mais temido e por isso mesmo por excelência se produziu na espécie humana o tipo inverso: o animal doméstico, do rebanho, a enferma besta humana - o cristão, que Nietzsche assim considera por fazerem a opção pelo que é prejudicial (AC, §§ 3 e 4).

> O problema que aqui coloco não é o que sucederá a humanidade na seqüência dos seres (- o homem é um final), mas sim que tipo de homem deve-se *cultivar*, deve-se *querer*, como de mais alto valor, mais digno de vida, mais certo de futuro. (AC, § 3)

É importante ressaltar que, no período intermediário de seu pensamento filosófico, Nietzsche deixa de lado a ênfase sobre as instituições e estabelecimentos de ensino e passa a focalizar a auto-formação moral do homem. Começa a ensaiar assim o nascimento do *übermensch*, o *além do homem* supramoral dotado de capacidade para viver no tempo presente em contraposição ao homem moderno - a paz apodrecida, o compromisso covarde, a virtuosa imundície da modernidade (AC, § 1).

A preocupação nietzschiana desloca-se então dos centros de formação e dos sistemas educacionais, dos papéis que os educadores exercem na vida dos alunos e do projeto educativo predominante no século XIX (de profissionalização técnica e formação histórica e cientificista do erudito) para o retorno do homem a si mesmo, somente possível com o abandono da natureza que foi impressa nos jovens pela cultura e posterior adestramento de sua primeira natureza.

O que se pretendeu neste trabalho monográfico foi mostrar o percurso filosófico do pensamento nietzschiano, declaradamente contra uma cultura e uma educação que procuram somente igualizar todos os homens por vias da regularização e da consciência de valores morais pautados na inversão causada pelo cristianismo. Tal formação torna os homens da modernidade apequenados e repelentes de uma cultura superior. Nietzsche propõe que o homem abomine esta democratização e passe a cultivar espíritos livres.

A célebre conclusão nietzschiana consiste na condenação ao cristianismo. Sua proposta consiste em uma transmutação de todos os valores (AC, § 62). É preciso ao homem voltar a si mesmo para que ao final deste processo possa haver a pós-moralidade dos costumes. Se no futuro o *übermensch* será em si mesmo indivíduo do corpo podemos chegar a conclusão de que o *além do homem* não é o nobre nem o ressentido, é o supramoral, aquele que vive além da moral, criador de novos valores e promotor de uma nova educação.

Nesse sentido cabe ainda promover alguns questionamentos. Porque foi necessário a Nietzsche transcorrer toda a *antropogênese*, para afirma que a evolução do homem pré-moderno para o homem moderno na verdade não se constitui como um verdadeiro progresso? Passando pelas concepções dos tipos de homem nobre, escravo, ressentido e o indivíduo soberano (esse último cidadão moderno da democratização da cultura), o que Nietzsche deseja é ainda o surgimento do indivíduo supramoral, profetizado por seu Zaratustra.

A preocupação do filósofo com a formação do *além do homem* é que a força do nobre é sobre tudo aquilo que não é nobre, a força do soberano é sobre si mesmo, sobre o corpo disposto hierarquicamente abaixo da mente enquanto conjunto dos instintos em luta. O indivíduo soberano, que pode fazer promessas, controla o destino por regular sua vontade de poder. Todavia, o indivíduo autônomo supramoral é o homem que possui vontade própria e tem consciência de poder e liberdade.

A força do *übermensch* está no instinto dominante, na vontade, na consciência de responsabilidade e de poder sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o destino. Diferente daquele *mensch,* anteriormente tratado como ser capaz de avaliar, seu caráter forte é a própria vontade que o impulsiona contra o destino, totalidade de todas as condições externas, todas as forças que determinam a ação (fatalidade). Assim, o destino não é elemento condicionante de ação do *alem do homem*, mas retrata a determinação da sua vontade de poder.

Outro questionamento que pode ser levantado com base na leitura deste trabalho monográfico é como na atualidade podemos conciliar a pretensão nietzschiana de formação de um indivíduo não gregário com as discussões evocadas pelo regime democrático e pelo Estado de Direito, que entende o homem enquanto público e igual a todos, e privado, portanto dotado de diferenças particulares.

Pode-se perguntar: será possível uma construção filosófica que aponte para a solução de Nietzsche acerca do cultivo das diferenças em um mundo que tende a cada vez mais radicalizar a igualdade e a democracia? E as discussões democráticas de diferença e igualdade dos indivíduos séculos depois da consagração do regime que diz considerar todos iguais perante a lei, em que podem contribuir para compreensão de uma nova vertente de formação humana?

Com relação à proposta do cultivo das diferenças apontadas por Nietzsche e da tendência moderna à igualização de todos os homens, tal discussão não se esgotou neste trabalho. Pretende-se seguir adiante com a reflexão acerca dos princípios de igualdade da modernidade *versus* a noção nietzschiana de educação, notadamente contra o controle dos instintos e a formação de comportamentos previsíveis por prever ser nesse formato impossível o advento de um novo tipo de homem, o da cultura superior.

O intuito é estender as discussões tanto acerca de uma nova proposta do filósofo de formação do homem, quanto com relação às críticas que surgiram as idéias de Nietzsche, principalmente no âmbito da democratização da cultura e do ensino e também examinar o pensamento de filósofos defensores do regime democrático observando como eles se comportaram diante da análise nietzschiana dos ideais liberais e dos valores ocidentais modernos e de sua proposta de auto-formação moral em oposição a uma cultura democrática.

Para tanto, será preciso percorrer e entender o que dizem os críticos de Nietzsche a respeito do que ele denomina como abominação a domesticação que a cultura e as leis sócio-morais impuseram sobre o homem e adestramento para que haja a libertação do seu espírito. O aprofundamento nas idéias nietzschianas e na sua filosofia de libertação do espírito encontra respaldo no interesse pela questão da auto-formação moral, preocupação de Nietzsche inaugurada em seu período intermediário.

Obras de Nietzsche

NIETZSCHE, F. ***Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.*** São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Tradução: Paulo César de Souza.

_____. ***Genealogia da Moral: uma polêmica.*** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Tradução: Paulo César de Souza.

_____. ***Ecce Homo. Como alguém se torna o que é.*** São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Tradução: Paulo César de Souza.

_____. ***Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Tradução: Paulo César de Souza.

_____. ***A Gaia Ciência.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Tradução: Paulo César de Souza.

_____. **Schopenhauer Educador** in: ***Escritos sobre educação.*** Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho.

_____. **Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino** in: ***Escritos sobre educação.*** Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2003. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho.

_____. ***Aurora: reflexões sobre preconceitos morais.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Tradução: Paulo César de Souza.

_____. ***Crepúsculo dos Ídolos.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Tradução: Paulo César de Souza.

_____. ***O Anticristo: Maldição ao Cristianismo e Ditirambos de Dionísio.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Tradução: Paulo César de Souza.

Outras Referências

ALBUQUERQUE, Paulo Menezes de; MOREIRA, Márcio Alan Menezes. "**A Democracia no Estado Moderno: entre ambivalência e participação**". *Pensar*, Fortaleza, v. 10, nº 10, p. 82-89, fev. 2005.

ARENDT, Hannah. "**A crise na educação**" in: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 221-247.

ARISTÓTELES. ***A Política.*** Trad. Mário da Gama Kury. 3ª Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

ASENSI, Felipe Dutra. "**Elementos da teoria do Estado de Friedrich Nietzsche**". *Jus navigandi*, Teresina, v. 757, 2005.

ASENSI, Felipe Dutra. "**Democracia e igualdade: assim não falou Nietzsche**". *Boletim Jurídico*, Uberaba, v. 170, 2006.

BACELAR, Kleverton. ***O que é isto - A Filosofia da Educação***. Mimeografado, s/d.

BOBBIO, Norberto. ***O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo.*** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.

DANELON, Márcio. **Nietzsche educador: uma leitura de Schopenhauer como educador**. ***Perspectiva***. Florianópolis, v. 19, nº 2, p. 405 - 425, jul/dez, 2001.

DIAS, Rosa Maria. ***Nietzsche Educador***. São Paulo: Editora Scipione, 2003 (Pensamento e Ação no Magistério).

FLEISCHER, Margot. "**Friedrich Nietzsche - afirmação dionisíaca do mundo**" in: FLEISCHER, M. e HENNIGFELD, J (Org.). *Filósofos do século XIX*. São Leopoldo (RS): Unisinos, 2006, p. 223-246.

FOUCAULT, M. "**Nietzsche, A Genealogia e a História**" in: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Organização e Tradução: Roberto Machado, p. 15-39.

GIACÓIA JR., Oswaldo. "**Nietzsche e o Cristianismo**". *Cult*, *Revista Brasileira de Cultura*. São Paulo, ano VII, n. 88, p. 52-57, jan. 2005.

_____. Oswaldo. "**Sobre tornar-se o que se é**". In: SILVA, João Carlos Salles da (Org.) *Schopenhauer e o Idealismo Alemão.* Salvador: Quarteto, 2004, p. 201-218

_____. Oswaldo. ***Nietzsche***. São Paulo: Publifolha, 2002.

_____. Oswaldo. "**A Crítica da Moral como Política em Nietzsche**". *Humanas.* Londrina, v. 1, nº 2, p. 145-168, 1999.

GOYARD-FABRE, Simone. ***O que é democracia? A genealogia filosófica de uma grande aventura humana***. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Tradução: Cláudia Berlinger.

LARROSA, Jorge. ***Nietzsche & a Educação.*** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga.

MARTON, Scarlett. ***Extravagâncias - ensaios sobre a filosofia de Nietzsche.*** São Paulo: Discurso Editorial e Editora UNIJUÍ, 2000.

_____. "**Perfil Biográfico**" in: *Ecce Homo*. São Paulo: Martin Claret, 2005. Tradução: Pietro Nasseti.

MELO, Eduardo Resende. ***Justiça e Ação no Pensamento Nietzschiano.*** Tese de mestrado, PUC/SP, 2002.

_____. ***Nietzsche e a justiça.*** São Paulo: Perspectiva, 2004.

MOURA, Carlos A. R. de. "**Nietzsche e a Revolução**". *Gaia - uma revista para todos e para ninguém*. Setembro/dezembro 1989, ano I, nº 2, São Paulo.

_____. ***Nietzsche: Civilização e Cultura***. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PINTO, Renata de Sousa. "**A democracia antiga e a moderna**". *Prim@facie*, João Pessoa, ano 2, nº 3, p. 57-67, jul/dez 2003. Disponível em: http://www.ccj.ufpb.br/primafacie. Acesso em: 05/04/2008.

RENAUT, Alain. ***O Indivíduo - Reflexão acerca da filosofia do sujeito***. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998. Tradução: Elena Gaidano.

_____. ***O fim da autoridade***. Lisboa: Instituto Piaget, 2004 (Coleção Epistemologia e Sociedade). Tradução: Felipe Duarte.

SAFRANSKI, Rüdiger. ***Nietzsche: Biografia de uma Tragédia.*** Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

SANTOS, Laerte Moreira. ***A concepção liberal da cidadania: contribuições e limites - Propostas para uma nova cidadania***. São Paulo, 1998.

SEGUNDO, Hugo de Brito Machado. ***Notas sobre democracia, liberdade e igualdade***. Monografia. Fortaleza, 2007.

SOUSA, Mário Araújo. "**Introdução**" in: *O Anticristo.* São Paulo: Martin Claret, 2006. Tradução: Pietro Nasseti.